

ARGUS

REVISTA
MENSAL ILLUSTRADA

— N.º 3 —

JULHO DE 1907

PREÇO AVULSO

100 REIS

DIRECTOR

GAMPOS MONTEIRO



FH



Se presaes a saúde
de vossos filhos e os
quereis ver fortes e
com boas cores, de-
veis dar-lhes a

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Este medicamento-alimento é recommendado por todas as notabilidades medicas do nosso paiz, como superior ao Oleo de figado de bacalhau e ás suas Emulsões.

EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA LEMOS & FILHOS
PORTO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA DO "ARGUS,"

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL, ILHAS e COLONIAS		BRAZIL		EXTRANGEIRO	
Anno	1\$100	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	600				
Zrimestre	300	Moeda fraca.	8\$000	Francos	8,00

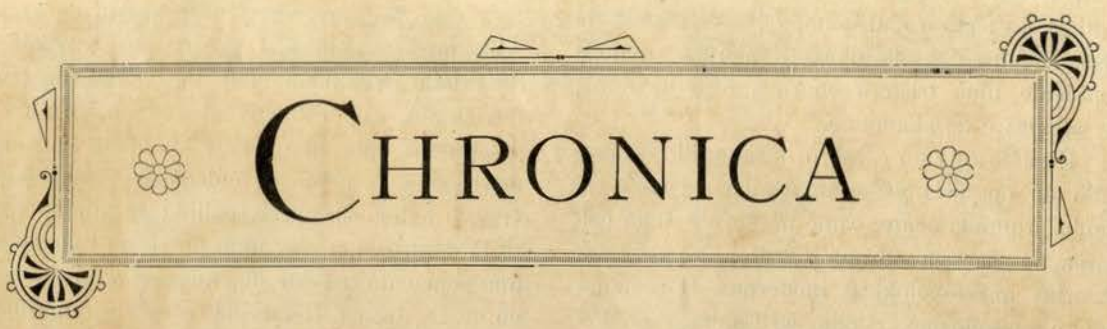
Numero avulso em Portugal, 100 reis

Para assignar esta publicação basta remetter á Administração do *Argus* o nome e endereço juntamente com a importancia da assignatura (em valle do correio, estampilhas ou ordem de facil cobrança). Sempre que a cobrança tenha de fazer-se pelo correio, acresce a importancia das respectivas despesas.

ARGUS REVISTA MENSAL ILLUSTRADA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 RUA DE D. PEDRO, 184—PORTO

Director e redactor principal — Abilio de Campos Monteiro
 Proprietario e administrador — Mario Antunes Leitão

Composto e impresso nas officinas da Empresa Litteraria e
 Typographica. — Rua de D. Pedro, 178. — PORTO.



CHRONICA

Julho de 1907

A HORA em que, numa clara e vibrante manhã de junho, travamos da penna, para tracejar estas linhas, desfilam sob as nossas janellas bandos garrulos de homens e mulheres, cantando e dançando. Muito elegantes elles: calças de linho branco, sapatos de couro, collete largamente decotado, listrado de lado a lado pelo fulgor de uma corrente de plaqué; ellas todas tafues, chinellinha de verniz tictacando a calçada, grossas meias de algodão branco, denunciando o labor fecundo dos serões de inverno, saias espessas de lã, atadas nos flancos para maior amplitude de movimento, frescas blusas de chita, e lenços inverosímeis, amarelllos, verdes, azues, carmezins, numa polychromia de ornamentação; e prendendo-os e protegendo do sol o rosto congestionado, o largo chapéo de palha, guarnecido a flores naturaes — pampilhos, boninas, bem-mequeres...

O ruido acre dos cavaquinhos, monotona-mente tangidos, arranha os tympanos. Um ou outro harmonio, de quando em vez, borda va-

riações sobre a *Chula*. Batem o compasso os estalidos seccos dos dedos das cachopas. E encalmados, as faces a rebentar sob a pressão do sangue, a fronte banhada de suor, elles lá vão todos entre nuvens de pó, cantando e dançando, avançando uns, recuando outros, em passos coreographicos que fariam o desespero do snr. Antonio Lopes, e provocam a inveja em todos nós, *enfants gatés* da civilização, de musculos atrophados e dessorado sangue...

É que, com os primeiros dias de verão, chegou a revoada das romarias, e o povo corre a desedentar, nas vivazes festas do campo, a nostalgia das sombras frescas, das relvas fôfas e do carminativo rascante, que a jorros mana, em sangria desatada, das bojudas pipas, enfileiradas em linha á sombra de toldes protectores...

*

Ah! O manso, o feliz, o beatifico povo que Deus semeou nesta orla occidental do Atlan-

tico! Vive mal, come mal, trabalha muito; ganha um salario irrisorio. Todo o inverno representa para elle um supplicio pavoroso. Nas *ilhas* soturnas e mortiferas, onde o proprio ar é fornecido a doses homeopathicas, elle faz, durante a estação hybernal uma existencia tenebrosa que o proprio troglodyta desprezaria. Do solo terreo exhala-se um odor de miasmas; gotteja do tecto a chuva impiedosa. Tiritase de frio, á falta de agasalhos. E paira em todo o ambiente uma tristeza enorme, feita de fome, de algidez e de abandono.

É então que no cerebro intranquillo e desolado do operario penetram pouco a pouco, calando profundamente, como o veio de agua calcarea na espessura de uma gruta, as pavorosas theorias anthropologicas modernas. O socialismo, o anarchismo, o odio ao Capital e ao Poder, vão assim germinando, numa pertinacia potente. E todas as noites, recolhendo da fabrica encharcado e a tiritar, no desalento que o invade, o miseravel solta brados de apavorar, socando com o punho fechado a triste mesa de pinho onde o caldo arrefece, vociferando pragas contra a Sociedade e contra o Estado, e fazendo votos pelo dia mil vezes venturoso da *revanche* social.

*

Pois bem. Esse dia, o almejado dia da desforra, chegou emfim, trazido nas cálidas azas do Estio. Iniciou-se o periodo aureo das romarias e das funçanatas. — Agora nós! — brada o proletario, sahindo para a rua, animado, offegante, transfigurado, como quem leva na alma a certeza da vingança. E eil-o que, de ponto

em branco e cheio de enthusiasmo larga para o arraial, a gosar a musica, os petiscos, a alegria do ajuntamento. E nunca vingança alguma deu prazer semelhante, a ajuizar pelo brilho que lhe vae nos olhos, pela alegria que se lhe espelha na face!

Mal acorda, compra o jornal, essa tremenda machina de guerra que o governo tanto receia. São oito paginas compactas, cheias de prosa. Alli, logo de entrada, se diz que os negocios de estado caminham mal, que somos um povo retrogrado, que estamos abaixo da Turquia e da Russia, que não temos liberdade, que não merecemos o nome de cidadãos. A estas palavras, o leitor estremece, pallido de colera, como se lá dentro latejasse, num atavismo redemptor, um pouco do sangue dos *homens bons* do tempo de D. João 1. Relanceia de esconso um olhar sinistro para o canto onde dormita o arcabuz de pederneira. Mas, logo a seguir, poisam-lhe os olhos sobre uma noticia banal, onde se diz que «é hoje o Senhor da Pedra». Festa muito concorrida... Bilhetes a preços reduzidos... E então o rosto do legitimo herdeiro de Phebo Moniz e outras glorias nacionaes transfigura-se. E como a mulher inquiria do lado, curiosa:

— Que vem de novo hoje na *folha*?

Elle responde, com um tregeito:

— Dictadura... decretos... questões politicas... Uma trapalhada.

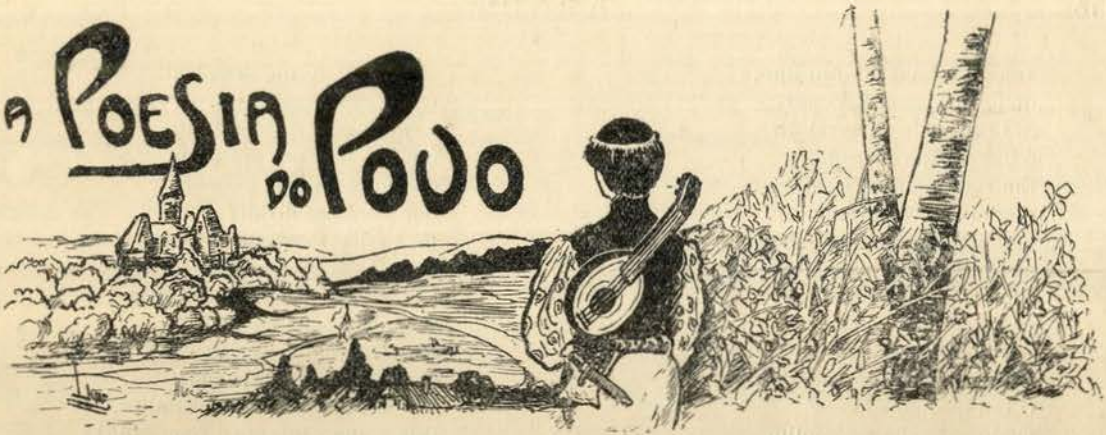
E erguendo a voz, muito animado, um grande brilho de enthusiasmo na pupilla:

— É hoje o Senhor da Pedra, mulher! Arranja os filhos e o farnel, — e vamos por'hi fóra!

C. M.



A POESIA DO POVO



DONA CLARA

Dona Clara, a bella infanta,
estava no seu jardim,
penteando o cabelo de oiro
com seu pente de marfim,
sentada numa almofada
de velludo carmezim.
Deitou os olhos ao mar
e avistou um bergantim.
Salta em terra um marinheiro
que ao vel-a falou assim:
— Que fazeis, senhora infanta,
sósinha neste jardim?
— « Espero por meu marido,
que ha dez annos me deixou,
em defesa do sepulchro
em que Christo se enterrou. » —
— De lá venho eu, senhora,
desde que a guerra acabou.
— « Viste tu o meu marido,
que assim triste me deixou? » —
— Teu marido não conheço,
diz-me que signaes levou.
— « Levou seu cavallo branco
com sua sella dourada;
Na ponta da sua lança
uma fita encarnada.
Um cordão do meu cabelo
atado na sua espada.
Se tu, porém, o não viste,
ó triste de mim coitada,
que assim ficarei viuva,
tendo sido mal casada! » —
— Sou soldado, andei na guerra,
nunca teu esposo vi.
Quanto deras tu agora
a quem o trouxera aqui?

— « Dera-te tanto dinheiro
que não tem conta nem fim,
dera todo o meu thesouro,
que meu pae me deu a mim. » —
— Não quero oiro nem dinheiro,
que eu na guerra enriqueci.
Sou soldado, ando na guerra,
nunca teu marido vi.
Mas quanto deras, senhora,
a quem t'o trouxera aqui?
— « Dera as minhas joias todas,
que não teem peso ou medida;
dera-te o meu tear de oiro,
roca de prata polida. » —
— Não quero prata nem oiro,
com ferro minha mão lida.
Tenho oiro e prata que cheguem
para toda a minha vida.
Sou soldado, andei na guerra,
nunca teu marido vi.
Mas quanto deras, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?
— « Das tres filhas que eu tenho
eu t'as dera a escolher.
São formosas como a lua,
como o dia a amanhecer. » —
— Eu não quero tuas filhas,
não me podem pertencer.
Sou soldado, andei na guerra,
nunca teu marido vi.
Mas quanto deras, senhora,
a quem t'o trouxera aqui?
— « Não tenho mais que te dar,
nem tu mais que me pedir. » —
— Inda tens mais que me dar,
não estejas a mentir.

Tens teu leito de oiro fino,
 onde eu quizera dormir.
 — « Cavalleiro que tal diz,
 é um villão refalsado.
 Em roda do meu jardim
 merece ser arrastado,
 com uma venda nos olhos,
 aos pés de um cavallo atado.
 Vinde cá, creados meus,
 castigae este soldado! »
 — Não chames os teus creados,
 que foram pagos por mim.
 O teu marido sou eu,
 vindo naquelle bergantim.
 — « Se tu és o meu marido,
 por que me falas assim? »

— Por ver se me eras leal
 é que disfarçado vim.
 Lembras-te, ó Dona Clara,
 quando outr'ora me parti,
 do annel de sete pedras
 que comtigo dividi?
 Se tu não perdeste as tuas,
 as minhas eil-as aqui.
 — « Vinde cá, ó minhas filhas,
 vosso pae é já chegado.
 Abre-te, portão do jaspe,
 ha tanto tempo fechado!
 Folgae, folgae, meus vassallos,
 Que é Dom Infante a meu lado! » —

(Recolhido em Chaves)

HA 50 ANNOS

1 de julho de 1857:

A Côrte resolve tomar luto de dois mezes, sendo um de luto rigoroso e outro aliviado, em demonstração de sentimento pela morte da Infanta D. Anna de Jesus Maria, tia de El-Rei.

2 de julho:

Falleceu em Braga Eduardo Soares da Silva, ourives da rua das Flores, e um dos membros mais estimados da classe commercial do Porto.

3 de julho:

São estabelecidas as repartições do correio geral no palacete da rua da Victoria, pertencente ao fallecido commerciante José Gaspar da Graça, onde hoje se encontra o Lyceu.

4 de julho:

Lavra grande animação em virtude de se saber que suas magestades D. Pedro v, e D. Fernando, acompanhados do Duque do Porto, virão inaugurar a Exposição Agricola. Os pavilhões para receber os animaes e productos agricolas achavam-se já concluidos nesta data, e todos os trabalhos proseguiram com actividade, passando de cem o numero dos expositores in-scriptos.

Banco mercantil — Foi aprovado na camara electiva o projecto creando o Banco Mercantil, com a redução que lhe fizera a commissão de fazenda.

Interpellação — O «Portuguez», jornal do partido historico, publicou um violento artigo contra o Barão de Vallado e conselheiro José Lourenço Pinto. Sendo interpellado sobre este motivo, o Ministro do reino declarou na camara que o governo está muito satisfeito com o procedimento e serviços d'estes dois honestos funcionarios.

6 de julho:

Chega a Lisboa um commissario do general Prim, que vem pedir ao governo a concessão de um caminho de ferro do Porto á fronteira de Hespanha, em Valença.

7 de julho:

Fallece em Lisboa o Barão do Rio Tinto, que á hora da morte recebeu por esposa uma senhora que para esse fim sahira de um convento, onde vivia como pensionista.

Este acontecimento, epilogo de um intimo drama de amor, foi, durante dias, o thema de todas as conversações no Porto.

8 de julho :

Desaparece o negociante de vinhos Mansilha, estabelecido na rua de D. Pedro, ao qual dias depois foi aberta fallencia pelo tribunal respectivo.

13 de julho :

Annunciam os jornaes que José Arnaldo Nogueira Molarinho, o distincto artista ha pouco fallecido, acaba de fazer um rico bracelete de dente de cavallo marinho para uma senhora de Lisboa, o qual se encontra exposto na exposição da industria.

É uma peça rica — dizem os jornaes — e que honra o seu executor.

14 de julho :

Realiza-se uma brilhante ceia, em casa do fallecido capitalista Antonio Bernardo Ferreira, em honra de alguns artistas da companhia do Gymnasio, entre os quaes sobresahia o glorioso actor Taborda.

28 de julho :

Começa-se em Pariz a construcção do presente do noivado da futura rainha de Portugal, para o qual foram enviados de Lisboa mais de dois milhões de diamantes e pedras preciosas.

❖ NAMORADEIRA ❖

Ó linda rapariga que aos vinte annos
Já contas mais de vinte namorados,
Assim com esses impetos insanos
Terás um *batalhão de apaixonados*.

O teu passado é como um documento
Que certifica a tua formosura,
Pois muitos corações com juramento
Lá deixaram a sua assignatura.

Nesses namôros todos é que eu vejo
Que tu pretendes — e não é deshonra —
Formar dos namorados um cortejo
Que venha a ser a tua *guarda de honra*.

Não vale a pena agora enumerar
Um poéta, um doutor, um estudante,
Um barão, um garboso militar...
E por ahí fóra... um séquito brilhante!

Mas, emfim, essa tal variedade
Mostra que gostas de fazer sortidos
E que gastas o *artigo — novidade*,
Á similhaça d'esses teus vestidos.

Quem já lidou com vinte corações
E quem foi d'essa fôrma frequentada
Pode-me dar agora umas lições
Que tem a competencia demonstrada.

E por isso, ó *Mestra*, por esmola
E preciso que venhas ensinar-me.
Ai! *por amôr... de mim*, abre uma escola
Que eu irei logo lá matricular-me.

Como a tua sciencia não é occa
E como eu reconheço o teu valor,
Devo dizer-te que é na tua bocca
Que aprenderei o *abecê do amor*.

Ó linda rapariga que aos vinte annos
Já contas mais de vinte namorados,
Eu tambem tenho uns impetos insanos
De ser do *batalhão dos alistados*...



VIANNA DO CASTELLO

PAISAGENS DO MINHO

Disse algures Byron, que os portuguezes (the lusian slaves) como lhes chama, não mereciam as bellezas da sua patria. No entanto, embora se offenda o orgulho nacional, não é neste ponto que o poeta inglez mais se engana, do que escreveu sobre Portugal.

Os portuguezes ainda não apreciam devidamente o que possuem, nem o sabem mostrar ao mundo.

Não teem uma comprehensão nitida da sua nacionalidade, nem teem ainda a concepção natural e expontanea da arte.

Por atraso intellectual, falta de gosto e de instrucção, ou má orientação d'esta, não gosam espiritualmente com a arte, nem lhe dispensam a menor attenção.

Profundamente rotineira e *messianica*, a nossa sociedade gira ainda em antigos gonzos fradescos, desnacionalizados e hypocritas e, se já não fez unico termo das suas aspirações o Deus dos Catholicos; embalse ainda ao som chóroso e enervante do triste fado.

O portuguez hoje adora: primeiro, mais que nunca o Deus Milhão e a fallaz gloria politica; depois, ou cruza os braços em prepetuo somno ou senta-se ao sol, como um *lazzaroni*, a contar com a sua phantasia de arabe, cheia de phantasmagorias, uma historia em verdade sublime.

É triste, mas não admira, só sabemos ser eleiçoeiros e... analphabetos.

E se por esse paiz fóra, a natureza foi prodiga nos seus dons, parte alguma foi melhor contemplada que este paraizo minhoto.

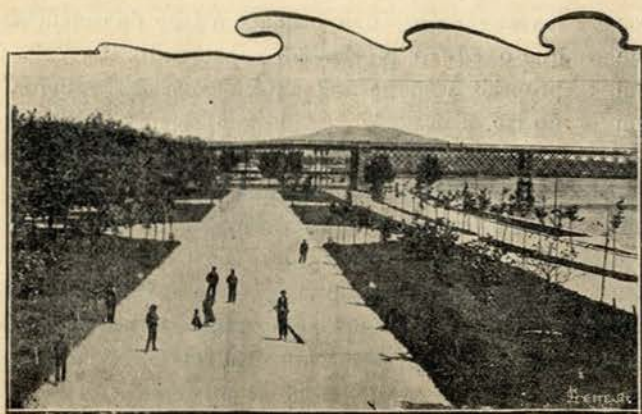
Lançasse uma verdadeira civilização o seu



VIANNA DO CASTELLO — Praça da Rainha

benefico calor no meio d'este povo naturalmente brando, e, que sem o querer, sem o perceber mesmo, é essencialmente artista, e largasse ella a sua fanatica rotina, e o Minho seria o *Eden* da Europa, e o seu povo o eleito da riqueza e da felicidade.

Do que se tem dito e escripto sobre as bel-



VIANNA DO CASTELLO — Avenida Luiz de Camões
e ponte metálica

lezas do Minho, pouco mais se tem conseguido que tornal-o extremamente vaidoso d'ellas, sem comtudo tratar de racionalmente as utilizar, nem de se preparar um povo digno de as gosar e velar por ellas.

O Minho é bello e alegre desde a sua variada paysagem á frescura das suas mulheres; mas, consome o tempo e preocupa-se ainda com coisas que já não fazem a felicidade dos povos. Por isso, urge retemperal-o pela instrucção e por trabalhos dignos do homem moderno.

Esperemos confiadamente num futuro luminoso, melhor, que o que ha de ter Portugal e, largadas estas dissonantes considerações digamos alguma coisa sobre uma das mais lindas terras do Minho.

*
* *

Assenta Vianna do Castello á fóz do Lima, na base sul do Monte S.^{ta} Luzia: a povoação não é grande nem magestosa, mas alegre e de edificios com mais gracioso e aseado aspecto que nas demais cidades da provincia.

Se não fôra o seu clima irregular e o vento insupportavel a que estão condemnadas as terras da beira-mar, Vianna seria uma terra ideal.

Espelhando-se no pacato Lima durante o dia, ou recortando-se no ceu a sua silhueta do-

nairosa ao cair da noite, Vianna apresenta aspectos deliciosos, incomparaveis.

Dos altos, vizinhos da cidade, as vistas são surprehenderes, encantadoras de suavidade, louçania e variedade.

Do Faro d'Anha a vista sobre a cidade, rio e campos é bella.

Do Monte de S. Silvestre é variada e extensissima por todo o valle do Lima.

Do alto de S.^{ta} Luzia o panorama que se desenrola perante os nossos olhos maravilhados é grandioso e unico. A um lado, o campo com toda a sua poesia rude mas franca, esmaltado de verde, bem cuidada lavoira, e de graciosas casinhas brancas respirando conchego e alegria.

Ao longe os môrros nús da Serra d'Arga, fazendo fundo aos montes mais pequenos matizados de casas e capellinhas ou cobertos simplesmente de arvoredo.

A nossos pés a cidade com as suas ruas e largos vistos sem grande sobreposição perspectiva, apresenta-nos, num aspecto novo, delectando-nos com uma contemplação nitida e demorada.

Na frente, o rio, serpeando vagarosamente por entre as suas fertes margens, inspira-nos socego, paz e bem-estar, e completa classicamente a paysagem.

Na outra margem os Montes d'Anha, Darque



VIANNA DO CASTELLO — Asilo dos Velhos Entrevados
da Congregação da Caridade

e os pinheiros das areias definem o quadro terrestre e dão-nos na plantação das dunas um exemplo consolador do que póde a tenacidade do homem a bem da agricultura e da riqueza

publica; exemplo, que a ser seguido, em poucos annos immobilisaria as areias dos centenares de kilometros de duna da nossa costa, e dentro em pouco, transformaria tamanha esterilidade em fertilissimas herdades de incalculavel valor e extensão.

Voltemo-nos agora para o Oceano. Que espectáculo tão differente!! primeiro a Areosa com a sua pittoresca casaria branca, depois a sua veiga tão contraria, pela sua uniformidade, aos outros campos recortados de muros e latedas: em seguida o mar extenso, estirando toda

investigadores, não é mais á face da sciencia que o *castro* preromano depois utilizado pelos proprios romanos. Quanto á povoação á borda do rio, é provavel ser de tempos immemoriaes, ou pelo menos, contemporanea da *Cidade Velha de Santa Luzia* e fundada por pescadores, pois os grandes, os guerreiros, escolhiam só de preferencia os altos para construirem os seus inexpugnaveis alcaçares, e não havia terra importante sem alguma preparação para a guerra.

A celebre *Britonia* ou *Brutonia* cuja situação por muito tempo se attribuia a estes si-



VISTA GERAL DE VIANNA DO CASTELLO

a sua magestade até á linha por vezes indecisa que marca o nosso horizonte visual.

A Areosa e os seus campos recreiam os olhos pela boa ordem e viveza das suas côres. O mar, na sua immensidade monotona, produz-nos o goso e a contemplação muda, extatica, indefinivel que inspiram as coisas verdadeiramente grandes, quando se defronta com ellas a nossa pequenez.

Para o norte, o monte de S. Mamede com toda a sua aspereza escura, granitica e inculta, dá-nos mais um aspecto inteiramente differente.

*

* *

Como succede á maior parte das terras, a origem de Vianna perde-se na noite dos tempos, e são tão contradictorias as afirmações dos historiadores e geographos antigos, que nada de positivo se pôde hoje aceitar. Santa Luzia, que tanto interesse tem despertado aos

tios, está ultimamente provado ter sido na actual Galliza.

Logo do começo da monarchia é conhecida Vianna, e foi já povoação importante nos seculos xiii e xiv, dedicando-se os seus habitantes quasi exclusivamente á pesca, até que nos seculos xv e xvi com as grandes navegações portuguezas da Africa, India e Brazil se entregaram ao commercio largo, o que enriqueceu grandemente a terra, que progrediu com rapidez, atrahindo grande numero de negociantes estrangeiros, principalmente hollandezes, um porto que chegou a ter, proprios, mais de 70 navios de alto bordo e estaleiros permanentes e que hoje não possui uma duzia e não construe um barco durante annos!

A decadencia de Vianna começou com a guerra da restauração, paralisando o commercio ultramarino e tem-se accentuado lentamente com o progressivo açoriamento da barra, que difficulta os serviços maritimos, com a crescente

indifferença da população, e pela falta de industria e de actividade.

Teve Vianna a sua cerca de muralhas mas o primitivo castello da barra foi uma roqueta feita no seculo xiii, á custa dos proprios Vianenses, para melhor se defenderem das constantes e atrevidas investidas dos corsarios.

Em tempo de D. Manoel, tendo este visitado Vianna, foi por sua ordem reconstruida e ampliada a dita torre, obras estas ainda existentes a sudoeste da actual fortaleza.

No seculo xvii e xviii fizeram-se importan-

(Brazil) no seculo xvii, e que foi o protagonista d'um poema heroico brasileiro.

Outro aventureiro que deu brado, tambem de Vianna, foi o corsario-cavalheiresco do seculo xvi, Pero Gallego — que se tornou lendario pela sua temeridade.

Foi como Bart ou Douguai-Trovin, um corsario util ao seu paiz, e embora por motivo de reclamações internacionaes fosse tambem, *proforma*, perseguido, era no emtanto particularmente elogiado pelo rei.

No seu navio zombou num porto hespanhol

tes construcções que ainda ali se veem soffriavelmente conservadas, servindo actualmente o Castello de aquartelamento a parte do regimento de artilharia n.º 5.

*
* *

Vianna em geral não desempenhou papel algum proeminente na nossa historia, nem como tantas outras terras tomou parte activa e sincera nas luctas civis; sabendo viver, Vianna nunca quebrou lanças por causas duvidosas, antes pertenceu sempre ao partido vencedor. — Dil-o a historia.

No emtanto são dignos de registo alguns factos isolados, e honrosissimos os feitos de alguns dos seus filhos.

A navegação nos seculos xv, xvi e xvii, honra Vianna e mostra o arrojo de alguns de seus habitantes.

De Vianna era natural o celebre *Caramurú* Diogo Correia o aventureiro dos Tupinambas

d'uma esquadra inteira ali fundeada, canhoneando por capricho e fazendo-se ao largo antes que elles, refeitos do espanto, se aparelhassem para lhe responder e persegui-lo.

Não foi cruel como tantos outros terrores dos mares, antes, ardendo em fé e patriotismo, auxiliou a nossa navegação e livre expansão commercial, dando caça aos argelinos e outros piratas que infestavam as nossas costas praticando assaltos e *raxias* nas povoações maritimas em continuo sobresalto.

Como todos os heroes, a sua vida é do dominio da lenda, é — romance de temeridades, amor e ascetismo.

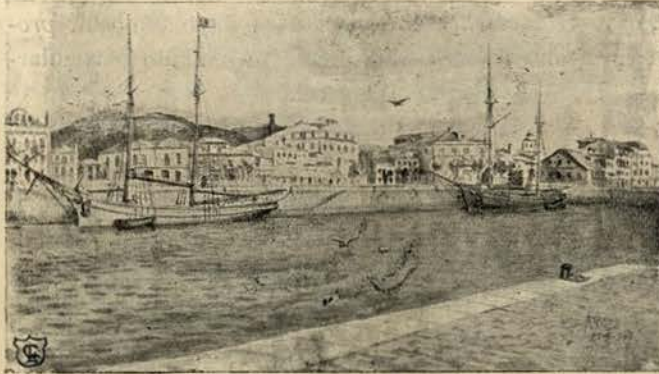
Attribue-lhe a lenda amores com uma nobre de Vianna, mas sendo elle de baixa condição, o abysmo entre os dois era insondavel, para esquecer ou tornar-se, aos olhos da nobresa, digno dos galanteios d'uma tão elevada dama, lançou-se na aventura e nos perigos.

Depois, quando passados annos, voltou á terra natal coberto de honras e gloria e lhe foi

impossível realizar os seus ideaes, abandonou o mundo e foi abafar no claustro as suas maguas.

Embora seja este o romance de muitos guerreiros e navegadores portuguezes d'aquellas épocas, e este assumpto esteja já bastante explorado pela litteratura, ainda poderia haver com o Pero Gallego interesse e variedade transportan-

papel desempenhou durante o estabelecimento do systema constitucional, com uma correcção que destoou no meio das desencontradas paixões da época.



VIANNA DO CASTELLO — *Um aspecto da Docca*
Aguarella do Ex.^{mo} Sr. Alvaro Lemos

do-o para o nosso theatro tão falto de arte e assumpto puramente nacional.

Da provincia do Minho, e muito principalmente de Vianna, era natural todo o regimento de infantaria 9; entre tantos, o mais illustre pelos seus feitos durante a guerra Peninsular.

Em Vianna nasceu e morreu o illustre general D. Luiz do Rego (depois Visconde de Geraz do Lima) uma das mais nobres e distintas figuras da nossa historia da primeira metade do seculo XIV, e que tanto soube elevar o nome portuguez desde a infructifera expedição de Montevideu até aos epicos feitos da guerra peninsular e da liberdade.

Seu contemporaneo foi o nobre viannense Visconde de Carreira, diplomata que tão activo

A Vianna cabe tambem a honra de ter sido escolhida para sua ultima morada pelo homem admiravel, e virtuoso discipulo de Christo que se chamou D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga.

Embora com os tempos tenha esfriado a sua memoria, sendo esta hoje tão tenue que até custa a crer que, por occasião da sua morte, os Viannenses defendessem a posse das suas reliquias á força d'armas contra os de Braga, que como seu arcebispo as reclamavam.

Deve pois Vianna orgulhar-se de possuir o seu tumulo, e de poder apontar á humanidade as incomparaveis virtudes de que foi testemunha e que o brilhante estylista e patriota Frey Luiz de Sousa immortalisou pela sua penna entusiasta.

* * *



VIANNA DO CASTELLO — *Um aspecto da Docca*
Aguarella do Ex.^{mo} Sr. Alvaro Lemos

Comprehende a cidade de Vianna duas freguezias: a de Santa Maria Maior e de Monserrate com bastantes templos, distinguindo-se entre todos pela sua architectura a egreja Matriz, a Misericordia, S. Domingos e a capella Malheiros.

A Egreja Matriz só tem hoje de apreciavel a frontaria que deve ser do seculo xv. O interior foi sem dó nem piedade encaçado pela furia de restauradores ignorantes, sendo difficil descobrir sob o estuque a sua antiga pureza de linhas.

Sae-se de lá horrorisado, maldizendo os que

ainda não souberam inventar leis contra crimes de lesa *arte*.

A Igreja de S. Domingos tambem tem sido ultimamente victima de obras e acrescentos de mau gosto, não tendo perdido comtudo as suas linhas primitivas. É um templo grandioso inspirando-se na renascença e tem um grandioso altar da época de D. João v.

Na capella-mór d'esta igreja está o tumulo do grande arcebispo D. Frey Bartholomeu.

Numa dependencia d'esta igreja, numa arrecadação, abandonadas, escondidas á vista do publico, estão as bandeiras do bravo regimento 9, que ali foram depositadas depois da guerra peninsular em 1814.

A Igreja da Misericordia parece ter escapado aos restauradores. É dos fins do seculo xvi e acha-se bem conservada. As suas paredes são forradas interiormente de esplendidos azulejos, bem desenhados e de assumpto apropriado.

A Capella Malheiros é, na frontaria, o melhor que se póde conceber naquella prolixidade de arte, tão usada e tão desagradavel do seculo xviii.

Entre os outros edificios e monumentos que adornam Vianna, são de notar:

A linda varanda do Hospital da Misericordia que deita para a Praça da Rainha e que, não sendo obra muito perfeita nos detalhes, é no emtanto bella no conjuncto, embora o estylo, talvez flamengo, seja pesado e sem inspiração, cheio de cariathides e arrebiques.

A Casa dos Condes da Carreira, grandiosa e com janellas, inspirando-se, não com muita felicidade, no nosso manuelino, que, raro, é bello quando fóra da época que expontaneamente o produziu, é no emtanto notavel.

A casa da Camara, construcção ameiada e que não seria deselegante na primitiva mas hoje completamente deturpada com antiestheticas reconstrucções, denotando mau gosto e ignorancia dos que as dirigiam e consentiam.

Quanto mais bello não seria o edificio com a sua arcada ogival, hoje entaipada, e com as



VIANNA DO CASTELLO — O mar no sitio das Pedras Ruivas —
Aguarella do Ex.^{mo} Sr. Alvaro Lemos

janellas manuelinas que, embora simples, de certo teve.

Uma obra importante e em que o Estado modernamente dispendeu algumas centenas de contos é o caes em frente da cidade e sua dóca, o que, apesar de estar uma obra completa, não deu o resultado que era de esperar em beneficio do commercio maritimo, principalmente porque as areias continuaram a obstruir a entrada da barra.

A ponte metalica, que se pode considerar tambem um monumento, é uma das melhores construcções que no genero existe em Portugal. Comprehende dois taboleiros sobrepostos, sendo um para o caminho de ferro e outro para a estrada real n.º 4. Foi construida pela casa franceza Eiffel e substituiu na ligação das duas margens a velha ponte, que ameaçava ruina.

Entre as principaes casas de Caridade, que as ha em grande numero em Vianna, não devemos esquecer o Asylo dos Velhos e entevados, installado no antigo convento de S.^{ta} Anna, que além de ser um edificio monumental e digno de ser visitado, com uma linda igreja restaurada com relativa consciencia, é um estabelecimento modelo pela sua boa ordem e administração. Vianna pode justamente orgulhar-se d'uma instituição que a sua caridade

creou e que já hoje possui um capital de centos de contos, cujos rendimentos revertem em proveito de pobres e velhos.

Encontram-se ainda, além do que já disse, espersos pela cidade alguns pedaços de arquitectura apreciáveis, na maior parte torpemente mutilados.

Constam em geral de janellas, vergas de portas, patamares, escadas, etc. Os pedaços mais bellos são, sem duvida, os do nosso estylo gothico-florido que combinado com o arabe e renascença tantos mimos produziu sob o nome de *Manuelino* pelas mãos dos nossos inspirados artistas dos gloriosos seculos da navegação.

O que se encontra porém em maior profusão, em Vianna, e formando ainda obras completas e o estylo seiscentista com todos os cambiantes mais ou menos felizes do leve renascença ao gongorico, ao pesado jesuita.

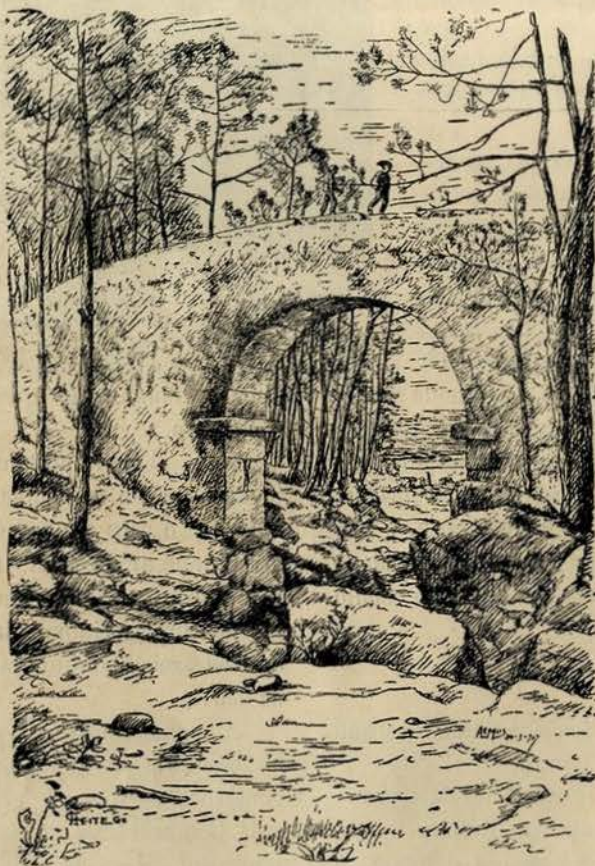
A abundancia de bons edificios neste estylo, que são os melhores da cidade, marca precisamente a época em que se fixaram e immobilisaram os grandes capitaes adquiridos nos mares pelos filhos de Vianna. Como tudo se relaciona na historia!

Ainda no manuelino é notabilissima a celebre janella da rua de S. Pedro que ainda se acha soffrivelmente conservada.

Dos fins do seculo xvi existe em Vianna um bello typo. É a casa do desgraçado Miguel de Vasconcellos, de triste memoria, em frente

da Matriz, com os seus medalhões e frisos renascença e que, embora pintalgada a capricho, está rasoavelmente conservada.

Existia tambem um monumento archeologico de subido valor, numa casa da rua da Bandeira, mas foi já ha tempos depositado provisoriamente num museu do Porto, não se podendo já admirar nesta terra a que pertencia. Era a tosca estatua *callaica*, semelhante á que se encontrou em Fafe e ás duas que se acham nos jardins d'Ajuda, que em vista da sua muita antiguidade vieram lançar alguma luz, principalmente na sciencia ethnologica, pela forma do vestuario, escudo, braceletes, espada, etc.



VIANNA DO CASTELLO — Valle do Tincão na Areosa
Desenho á penna do Ex.^{mo} Snr. Alvaro Lemos

tumultuosa e ingloria época de 1846-47 em dois cercos ao castello de S. Thiago, á barra. Ambas gloriosas na defesa heroica, mas ambas manchadas ao fim com sangue desnecessario e por actos indignos e de fraqueza.

O primeiro foi em maio de 1846. Tendo recolhido ao Castello, por não adherir á revolta popular, um destacamento de infantaria n.º 3 ás ordens do tenente Mendes d'Oliveira (*o Pinotes*), alli se defendeu com valor algum tempo, apesar do pessoal ser diminuto e incompetente para manejar a artilharia da praça, até que uma bala assassina prostrou traiçoeiramente o

*

* *

As mais importantes acções militares de que Vianna foi theatro, deram-se na

valente official, mandada por um dos seus proprios subordinados que muitos annos depois o confessou á hora da morte.

Logo no dia seguinte o Castello foi occupado pela população armada, que desconhecendo a causa da morte do tenente, e julgando-se senhora d'uma grande victoria, irrompeu feroz pelas portas, trucidando parte da guarnição, e a todos teria aniquilado se um bravo ecclesiastico muito respeitado de todos, de cruz alçada não evocasse a piedade christã.

O segundo cerco começou em janeiro de 1847 e foi o Castello investido por tropas regulares e artilharia grossa.

Os defensores, tendo voz pelo governo de Lisboa contra a junta do Porto, eram compostos por contingentes de diferentes corpos no numero aproximado de 200 homens.

Durante uns poucos de mezes lutou a valorosa guarnição, soffrendo um apertadissimo cerco com fome e sem esperanza alguma de soccorro.

Obraram-se prodigios como o do alferes Andrade, que umas poucas de vezes atravessou de noite as linhas inimigas e por fim foi com enorme risco a Lisboa a bordo d'um navio inglez, entregar despachos do governador a S. Magestade.

Depois de já ser impossivel, pela carestia de viveres, a resistencia, decidiu o conselho de officiaes romper á viva força as linhas inimigas e dirigirem-se os que escapassem a Valença, fiel tambem ao governo de Lisboa.

Assim, na noite de 5 de maio, estando a guarnição já formada na explanada do Castello, e já presentida pelo inimigo, desapareceu o governador, que fugiu coberto com a escuridão, abandonando na occasião mais critica os seus fieis subordinados. O desenlace não se fez esperar; muitos morreram em combate, a maior parte cahiu prisioneira e apenas 8 entraram em Valença.

Não obstante, o governador, que era um capitão de artilharia 3, que pudéra escapar-se com a bandeira e chave do Castello, foi apresentar-se a Lisboa, onde recebeu a Torre e Espada e o cobriram de honras!!

Foi em memoria d'esta defesa heroica que Vianna do Lima se passou a chamar Vianna do Castello.

*
* * *

Não se póde conceber o povo minhoto sem as romarias, com as suas illuminações e o estrondo dos seus morteiros, pois faz parte integrante do seu ser. Sem ellas, nem o pittoresco do Minho seria completo.

É typica e uma das mais concorridas do Minho a feira e romaria de Vianna ao Senhor d'Agonia em Agosto. Dura muitos dias, juntando-se por essa occasião alguns milhares de pessoas em Vianna. Apesar de muito decadente é ainda um ponto de estudo para o *touriste* de bom gosto. Aqui se exibem os costumes do Minho em toda a sua



VIANNA DO CASTELLO — *Castello de Santiago da Barra e Doca de barcos da pesca*

pujança, a alegria, as illuminações e pyrotechnia da região, atroadora como em parte alguma, as variadissimas mercancias, o vinho, as melancias, as mulheres da aldeia com os seus frescos e garridos trajos, etc. Tudo um matiz incomparavel de cõr, alegria e pittoresco.

Do exposto, que já vae longo, se conclue que Vianna merece ser bem conhecida e devidamente apreciada pelos naturaes e pelos extranhos.

Pelos naturaes, para melhor a saberem estimar e velar denodadamente pelo seu progresso.

Pelos extranhos para terem aqui mais uma estancia privilegiada de arte e bem-estar que mereça ser preferida nas suas viagens.

Vianna do Castello — 8 de Junho de 1907.

A. LEMOS.

Flores d'Automno

VALSA PARA PIANO

G. ROLANDO.



Assez lent

PIANO

p

*Qd. **

ralenti Mouvt de Valse

dolce

m. d.

m. g.

rall. au Mouvt

f

rit.

p

au Mouvt

rall.

au Mouvt

f p

retenu

au Mouvt

First system of musical notation for 'ARGUS', consisting of a treble and bass clef. The music features a series of chords and melodic lines, with a dynamic marking of *f* (forte) appearing in the final measure.

Second system of musical notation, continuing the piece with similar chordal textures and melodic fragments.

Third system of musical notation, beginning with a piano (*p*) dynamic marking. The texture is primarily chordal.

Fourth system of musical notation, showing further development of the chordal and melodic material.

Fifth system of musical notation, featuring a mezzo-forte (*m.g.*) dynamic marking. The music includes some melodic movement in the upper voice.

Sixth system of musical notation, marked with a first ending symbol (1) and the instruction "CODA ad libitum". It begins with a piano (*p*) dynamic.

Seventh system of musical notation, featuring a crescendo (*cresc.*) and a forte (*f*) dynamic marking. The music becomes more active.

Eighth system of musical notation, marked "Très vif" (Very fast). It concludes with fortissimo (*fff*) dynamics and includes some rhythmic patterns.

RONCESVALLES

I

Desde que a diligencia de Pamplona me deixou á porta da modesta *pozada* de Burguete, até que uma outra me conduzisse a Saint-Jean-Pied-de-Port teriam de decorrer 20 horas, ou, se quizerem, um dia. Não me contrariou muito esta falta de correspondencia na viação pyrenaica, talvez casual naquelle dia, porque isso facultava-me o prazer de passar uma noite no remanso d'uma aldeia da Navarra, paiz sobremodo pittoresco e curioso onde me achava havia dias e que nesta parte accidentada pelas ramificações da grande cordilheira (480 km.) era ainda desconhecido para mim. Do alto do vehiculo, d'onde, desde a madrugada, vinha sósinho embebido na contemplação de todas as bellezas que prodigamente por alli espalhara a natureza, ia absorvendo a largos haustos o ar sadio da montanha e phantasiando cousas extraordinarias para aquelle dia que já contava passar na rusticidade da aldeia, sem os regalos d'uma pseudo-civilização. E porque não hei de confessar que, desde a já remota infancia, aquelle nome de Roncesvalles soava aos meus ouvidos mais clangoroso do que a *horrenda, fera e ingente* trombeta castelhana nos campos d'Aljubarrota, a 14 d'Agosto de 1385? Porque não direi que aquelle valle lendario teve por muito tempo na minha imaginação o mesmo poder que os cinco reis mouros e os 400:000 guerreiros do Islam, chacinados, com a ajuda do Deus de Fr. Bernardo de Brito, nas charnecas alemtejanas de Ourique?

Ahi é que estava talvez a causa remota d'esta digressão pelos confins da Navarra. O facto d'este reino ter sido um dos primeiros, que, nessa lucta de sete seculos da reacção peninsular contra os musulmanos, logrou constituir-se em estado independente, embora desmembrado dos estados christãos já existentes nas Hespanhas, não avultava a meus olhos tanto, como, por exemplo o de se falar nesta região

uma lingua endiabrada que, á falta d'affinidade com as outras linguas europeas, os philologos teem empurrado para os homens terciarios, ou, pelo menos, para os tempos prehistoricos em que Hercules não tinha ainda arrombado o estreito de Gibraltar e a Africa estava pegada á Hespanha. Este sim, que era interessante.

Mas a litteratura *euscara* não é cousa com que se invista por *dilettantismo*, nem estas questões linguisticas assumpto de que se tracte como o das mais graves questões sociologicas por toda a parte.

E' melhor declarar desde já com sinceridade e despreensão que o *olifan* de Rolando não era estranho á minha presença por aquelles sitios !

Pois haverá letrado algum para áquem do Imperio do Meio, a terra, o berço dos letrados inoffensivos, que não tenha entrado na litteratura pelos poemas da cavallaria medieval e se não commovesse na sua meninice com as gloriosas aventuras dos Doze Pares de França e em especial com o famoso paladino Rolando ou Roldão? Não ha. Por mim não tenho duvida em confessar que esse poema me entusiasmou immenso, que essa gesta, que *Turoldus declinet* em quatro mil versos pittorescos, assim como deve ter servido para esquentar a imaginação d'Ariosto, Boiardo e outros poetas gloriosos, tambem deve ter entretido gerações litterarias sem conta.

Pois a morte do valente paladino carlovingio deu-se, segundo a fama, por estas partes dos Pyreneus.

Fôra quando o grande imperador franco, intromettendo-se nas questões que já então dilaceravam os estados musulmanos da peninsula, viu a retaguarda do seu exercito, commandada pelo seu conde (*comites*, companheiro), o heroico Roldão, apanhada e destroçada nos desfiladeiros pyrenaicos. E' tambem esta a occasião em que

elle destroe a famigerada Durindana (a Durandal da chronica) espadalhão formidavel com que abria naquelles montes graniticos passagens de cerca de 1:000^m de comprimento, 40 de largura e 60 de profundidade (!) ainda hoje conhecidas com o nome de Brecha e Passo de Roldão e que os excursionistas de Gavarrie devem ter visto e atravessado.

Rolando é o mytho dos Pyreneus, como Hephaistos o do Etna, juntamente com os Cyclopes e os Titans. Estes, mechendo-se sob a montanha que os opprime, causam tremores de terra; aquelle, bloqueado entre alcantis, de cada pontapé esmigalha um rochedo, de cada golpe de espada fende um monte!

Com estas phantasias da antiguidade, quem não olharia curiosamente para a cordilheira

que, adeante de Burguete, principiava a erguer os seus flancos occidentaes e a prometter maravilhas?

Roncesvalles ficava alli a poucos kilometros, a tarde estava deliciosa, a estrada era uma rua de parque cuidadosamente tractado: Puz-me a caminho.

Cumpainz Rollant, sunez vostre olifan:
Quand jo serai en la bataille grant
Et jo ferrai e mil cops e vii cenx
De Durandal verrez l'acer sanglant!

Era a passagem da Chanson de Roland, de Théroulde, o mais notavel dos poetas provençaes do seculo ix, que me accudia á memoria ao dirigir-me para Roncesvalles; e essa «Mar-

selheza da cavallaria» como lhe chama um historiador, punha-me na marcha o quer que era de resolute e heroico. Mas, francamente, aquillo era mais um passeio pelas alamedas solitarias d'um formoso jardim do que uma arriscada

digressão por invias montanhas. Bello e denso arvoredo vestia o terreno adjacente á estrada e no tapete de relva que o cobria apascen-tavam-se, dispersos, corpulentos bois que lançavam para o encantado transeunte olhares vagos e pacificos.

Não era a Navarra; era a Suissa, com todos os esplendores da sua paizagem caracteristica, mas animada por este bello ceu luminoso e azul que cobre a nossa querida peninsula.

Que mais poderia desejar? O som do *olifan*

eburneo de Roldão? Como para corresponder a essa idéa que por ventura me assaltasse, um som grave e entrecortado, hoje bem conhecido em toda a parte, echoou não longe de mim; e em breve, dobrando uma curva da estrada, um grande e luzidio automovel, avançando com rapidez, passou ao lado d'este solitario admirador da natureza, deixando-lhe a impressão d'uma curiosa mascarada que passava com tules verdes ao vento, amplos *overcoats* empoados, bonets d'oleado, caras transidas e terrificantes com os respectivos *anteojos*.

Vinham de França, que ficava do outro lado, e quem sabe se naquella vertiginosa correria em que desciam a passagem de Roncesvalles iriam para o meio do inferno!



BRECHA DE ROLDÃO

Olhei para os meus automoveis de duas sollas e conclui philosophicamente que não era menos divertido e sobretudo instructivo ir a pé.

A breve trecho por entre as copadas faias tão abundantes naquella vertente dos Pyreneus, me appareceu o mosteiro de Roncesvalles, onde verdadeiramente começa a subir-se a passagem do mesmo nome, sitio em que, segundo a gesta, se deu a tal refrega entre mouros e francos. A parte mais característica do agglomerado de casarões que formam o mosteiro, era uma especie de capella quadrada, evidentemente dos primeiros tempos da fundação d'esse mosteiro, como podia deduzir-se da sua fórma um tanto massiça de capella-fortaleza, bem como da arcaria das portas e janellas.

Um moço *carabinero* passeava por alli, com a espingarda suspensa ao hombro pela bandoleira e com cara de quem estava menos divertido que eu.

Como *funcionario* publico devia falar castelhano embora fosse um genuino descendente dos iberos prehistoricos, cuja lingua não é das cousas mais accessiveis d'este mundo, conforme fica dito e é sabido.

Estive a colher d'elle algumas informações sobre o paiz, a fauna, o clima d'essa cordilheira que eu já atravessara em varios pontos e altitudes e me propunha novamente a atravessar a 1100^m no dia seguinte. Numa das vezes que a visitara, caminho de Gavarnie, o meu autome-donte, pelos modos muito dado a aventuras cynegeticas, contou-me cousas extraordinarias da caça ao *isard*. Não se vá pensar que se tracta do *ursus aretos* bastante commum, dizem, nas florestas e solidões pyrenaicas; esse não tive o prazer de o encontrar nunca em nenhuma das vezes que tenho abordado a grande muralha em que alguns politicos mais cabeçudos põem o limite SO. da Europa: nem nas proximidades do Col de Puymorens, no terço oriental da cordilheira, nem nas do Monte Perdido, no central, nem tão pouco, desde já o digo, nesta parte por onde Roldão andou ás cutiladas e pontapés, ou, salvo o devido respeito, aos couces formidaveis. Como era natural falei nelles ao meu *carabinero*; o desgraçado, porém, no genero *ursus* só conhecia o capitão da sua companhia; na especie *isard*, ou *ysar*, comtudo, é que

podia dar-me alguns esclarecimentos sendo o mais importante o de que eu poderia vê-lo: era ir bater a uma porta do mosteiro, que teve a amabilidade de me indicar. Esta informação alegrou-me. Que se vá a Roma e se não veja o Papa é cousa naturalissima que me aconteceu em 1883 sem que d'isso me ficasse grande pena; andar pelas solidões geladas das Dofrinas e não ver um rangifer senão reduzido a bifas e não almoço, tambem não é motivo de pesar, digo-o por experiencia; mas ir tanta vez aos Pyreneus e não ver um só exemplar da sua fauna característica, é que me parecia uma grave lacuna nas minhas doces impressões de viagem.

Fui, pois, bater á porta do convento.

Se estivesse para áquem do famoso Agueda iria desconfiado de qualquer mystificação; lá por fóra, onde vejo mais respeito pela boa fé dos outros, não me assaltou semelhante idéa. O homem que me abriu a porta nem se riu do objecto da minha visita nem me levou á presença do *governador da praça*, o guardião, que podia muito bem ser para elle *el capitán de carabineros*. Levou-me, sim, por escuros corredores a um subterraneo do convento. Alli, abrindo uma pequena porta que logo tornou a fechar cuidadosamente, deteve-me, contando-me:

— O inverno ultimo foi muito rigoroso em Roucesvalles. Um dia descobrimos este *ysar* que provavelmente desceu muito cá para baixo e fizemos-lhe cêrco, conseguindo apanha-lo ao cabo de muito trabalho. Como era uma femea poupamos-lhe a vida, na esperança de que, estando talvez pejada, nos daria mezes depois uma familia de cabritos montezes, que procuraríamos domesticar. Nada d'isso aconteceu; nem ella deu filhos, nem até hoje foi capaz de se habituar á vida conventual!

— Pudera! — conclui mentalmente.

Ben platz lo dous temps de pascor
Que fai foillas e flors venir...

como dizia no seculo XII trovador Bertran de Born.

Mas o caso é que eu nada via, talvez por não estar habituado á penumbra do subterraneo.

Tendo, porém, avançado alguns passos cautellosamente, d'um canto do lóbrego recinto, sal-

tou de repente um vulto que começou a andar á volta d'elle furiosamente. Numa das paredes havia uma pequena janella por onde se derramava tenue claridade na loja. O vulto por umas poucas de vezes arremetteu espavorido para essa abertura procurando evidentemente fugir-nos. Pude então vê-lo melhor. Era elegantissimo com as suas pernas franzinas d'antilope; cabeça pequena onde grandes olhos d'uma extraordinaria meiguice exprimiam ao mesmo tempo um vivo terror. Não se differenciava muito d'uma corça de soffivel tamanho sendo como ella desprovida de pontas. O pobre animal arriscava-se a quebrar as pernas naquelles pulos contra a janella e por isso retirámo-nos d'alli, satisfeita a minha curiosidade de ver uma camurça viva, que estava para os Pyreneus como a nossa cabra geresiana, hoje tão rara tambem, está para a nossa pittoresca serra do Gerez.

Uma grande pena me acompanhava, inspirada por aquelle misero selvagem espavorido deante dos pretensos reis da criação.

Nem vê-los deante de si!

No fundo achava-lhe razão, sobretudo ao lembrar-me como os humanitarios inglezes, os compatriotas de Wilberforce, extinguiram em menos de meio seculo uma numerosa população de «gralhas negras» (os indígenas da Tasmânia) e se propunham a fazer o mesmo aos «boers» nos nossos dias.

II

No dia seguinte, tres horas antes da partida da malaposta, na qual tomei bilhete e acomodei a minha pequena bagagem, puz-me resolutamente a caminho pela estrada que já de vespera percorrera em parte.

Com o avanço que assim levava, a carruagem só poderia alcançar-me uns 15 kilometros para além de Burgulte, isto é, na outra vertente dos Pyreneus; e devia passar por mim, visto não haver nessa região outra estrada que ligasse os dous paizes separados por elles tão accentuadamente.

Os nossos vizinhos d'além Agueda teem sido pouco sollicitos no estabelecimento de boas vias de comunicação com a França. Em quanto

este paiz vae avançando com uma boa duzia de linhas ferreas na direcção dessa muralha em grande parte granitica que parece constituir um limite natural para a Europa a S. O., a Hespanha apenas tem dirigido pela sua parte umas quatro ou cinco, entrando nesse numero as duas que abraçam a cordilheira pelos extremos oriental e occidental, atravessando assim provincias hespanholas cuja população se distingue bem das restantes peninsulares pelo seu caracter accentuadamente progressivo: a Catalunha e Vascongadas.

Em estradas ordinarias poucas são tambem as que naquelles 480^{km.} já citados d'extensão da cordilheira, escalam a vertente meridional para irem ao encontro das numerosissimas e magnificas estradas em que se acha anastomosada a viação franceza naquella região.

Dir-se-hia que do lado da Hespanha os Pyreneus são cortados a prumo ou que a vertente meridional é mais rudemente accidentada que a septentrional, quando é mais o contrario d'isto o que se vê.

Na parte em que me achava da cordilheira só a umas dez leguas para L., contadas pela crista dos montes, é que uma outra estrada unia a *solana* ao *batch*, isto é, o lado do sol (Hesp.) ao da sombra (Fr.) e essa ia ainda pela antiquissima via romana do Summus Portus, a via de Cezar Augusto, (Saragossa) para a Gallia, por certo muito frequentada pelos *touristes* de toga, se já então havia desses ratões de bom gosto, o que não é dado duvidar.

Os Pyreneus continuavam, pois, a ser uma barreira entre a Europa e a Africa, «esta Africa chamada Hespanha» como dizia pouco amavelmente Julio Michelet. Mas assim como os francezes se vão por muitos pontos aproximando della e planeando a sua escalada, os hespanhoes apenas muito lentamente vão ganhando alguns kilometros de via ordinaria ou ferrea. Desde que, ha muitissimos annos, compulso um «Guia de los Ferros carriles» nesta faina de peregrinações periodicas, vejo sempre na carta ferro-viaria dos vizinhos a mesma linha interrompida indicadora de caminho de ferro em construcção d'alguns pontos da região pyrenaica hespanhola para o lado de lá, onde está resolvido que, por cima dos montes ou por dentro

delles, é preciso dar sahida aos troços de linha alli iniciados.

Eu desconfio que as razões d'esta morosidade singular da parte de cá são d'uma ordem mais politica e moral do que financeira.

Na outra vertente começa o paiz do jacobinismo, dos anti-clericaes, dos republicanos demócratas cuja promiscuidade seria capaz de desviar os peninsulares do caminho do ceu e tira-los da posição habitual de cocaras ou de joelhos deante d'um throno e d'um altar.

E nesta ordem d'idéas esse «mur redoutable, austère, ininterrompu», como lhe chama Michelet, tem um valor identico, para nós outros, portuguezes, ao do espantoso Himalaya da ignorancia, do analphabetismo nacional: Vence-lo, escala-lo, seria entrar em plena luz, sacudir o obscurantismo conveniente ás velhas instituições politico-religiosas que nos conservam extranhas aos progressos do espirito humano, afastados dum ideal mais nobre e racional que o de servidores d'interesses hieraticos.

Mas, vinha eu dizendo, a mala-posta do Burguete devia forçosamente encontrar-me no caminho que eu seguia com a celeridade compativel com a vontade d'ir observando e admirando a belleza regional ao mesmo tempo que evocava as reminiscencias do arcebispo Turpin, Oliveiros, Guy de Bourgogne e outros personagens respeitaveis dos poemas cyclicos de Carlos Magno, de todos os

vassals

Ki mururent á Ronchevals.

naquella gesta que ainda hoje faz as delicias de muita gente.

Para o declive da estrada ia já prevenido, pois sabia d'antemão que teria de subir até 1100^m d'altitude, pouco mais de que o nosso Caramullo, a fim de chegar ao Col d'Ibañeta, o ponto culminante da passagem de Roncesvalles.

Para que algum leitor menos versado em cousas geographicas não vá fazer uma idéa errada da rigidez das minhas pernas ou do difficuloso da ascensão, observar-lhe-hei que o Mediterraneo, a cuja superficie se reportam as altitudes hespanholas, ficava a muitas leguas d'alli, e que Pamplona, d'onde viera dias antes, se achava já á altitude de 420^m, podendo por

tanto inferir-se que Burguete, nas faldas pyrenaicas, podia ter cerca de 700, o que reduzia a formidavel ascensão a uns 400^m.

Tão facil a achei que fiquei maravilhado ao ver num posto, perto das ruinas d'um casebre abandonado, a simples palavra *Ibañeta* que era



CAPELLA DE RONCESVALLES

quasi a *Sesamo* dos contos orientaes a cuja virtude se abriam as portas.

Mas verdadeiramente não era uma porta, era uma amplissima janella aberta para a França o que a alguns passos adiante iria encontrar. Effectivamente numa volta da estrada e por uma aberta de montanhas densamente vestidas d'arvoredo, desenrolava-se um panorama encantador em si e ao qual a palavra — França! — que espontaneamente preferiram os meus labios, ainda prestava maior encanto.

Era sem duvida a França que se estendia a perder de vista em planicies verdejantes que occupam a immensa bacia hydrographica do Garonne, o qual, como muitos dos seus affluentes da margem esquerda, tem origem na cordilheira.

Uma grande parte d'essas planicies forma a região das *landes*, charnecas extensissimas ou-

tr'ora phantasticamente percorridas pelos Landescots ou Lanusquets que do alto das suas compridas pernas de pau vigiavam os rebanhos dispersos pelo matagal ou batiam toda aquella região de terreno alagadiço, já hoje convertido em feracissimos campos.

Ora do alto d'Ibañeta, a cerca de 1100m d'elevação sobre o mar, nada havia que impedisse a vista daquella parte do territorio; o tempo estava claro e se bem que algumas nuvens ás vezes passavam deante do sol projectando na planicie a sua sombra fugitiva, isso nada mais fazia do que augmentar a belleza do quadro.

Sentei-me por momentos, embebido na contemplação do esplendido panorama. Posso afirmar que embora tenha estado muitas vezes em França, a visão daquellê bello paiz causava-me uma impressão tão intimamente agradável e doce, como se pela primeira vez o meu olhar baixasse sobre elle. Qual o latino um pouco illustrado que poderá olhar sem commoção para essa patria commum de todos nós que d'ella recebemos nos collegios, nos estabelecimentos publicos d'instrucção, nos livros de sciencia, de litteratura, de arte, os germens da nossa educação, as idéas do nosso progresso, as supremas aspirações d'um ideal politico!

A's affinidades de raça juntam-se todas essas circumstancias que fazem com que um peninsular alcandorado nos pincaros dos Pyreneus seja por momentos ingrato para o patrio Douro e saúde o Garonne ou o Adour dos plainos landescos, com a mesma effusão, pelo menos com que os companheiros de Xenophonte saudaram as aguas do Ponto Euxino do alto do Tréchès.

Como visse na encosta e rompendo pela ramagem do arvoreda o telhado d'uma casita, unica no ermo daquella serra, para lá me dirigi, desejoso de ter alguém com quem *desabafar* um momento, com quanto, como bem se comprehende, não houvésse motivos para falta d'ar no ponto em que me achava. Era a casa do cantoneiro e guarda da estrada, cujo filho, um *chico* de 10 annos, me foi buscar um copo d'agua fresca d'uma das fontes que jorravam nas proximidades, em quanto o pae me contava as delicias do seu eremiterio. Aquelle não falei eu no *ursus arctos* nem na demais bicharia dos

Pyreneus; tencionando seguir o meu caminho por aquella vertente, melhor me era não povoar mais o cerebro de phantasias.

O homem disse-me que para evitar as voltas numerosissimas da estrada havia um atalho por dentro da matta, que rapidamente me conduziria lá muito abaixo.

Tendo-me indicado o seu começo enfiei por elle resolutamente e em breve me achei no silencio d'uma floresta de faias cuja ramaria apenas d'onde em onde era atravessada pelo sol. Comprazia-me aquelle socego e por mais de meia hora desci a montanha em direcção ao vale onde havia uma corrente. O caminho porém não terminava e no meio do fechado arvoredo era-me impossivel ver onde estaria a estrada por onde devia seguir a malaposta; era sempre a folhagem densa, os ramos emmaranhados, o silencio cortado apenas pelo estrepito das aguas pulando mais apressadas que eu sobre as rochas despedaçadas que deviam encher-lhes o leite. Bellissimo sitio para uma espera! Então sim; então deram comigo os ursos negros, sob a forma da mais negra das idéas.

Se a carruagem, descendo rapidamente a tortuosa estrada passasse sem que o *mayoral* me visse?

Ahí teria eu de marchar mais uns 20 km., perspectiva que me não agradava nada. Não aconteceu assim, antes, na fabrica da luz electrica quasi ao fundo de vale, tive ainda d'esperar por ella bastante tempo. Quando ouvi o *olifan* do *mayoral* nem me lembrei do homem da Durindana nem do traidor Ganelon; tractei de tomar o meu posto honradamente reservado no alto do vehiculo e em breve chegavamos á fronteira franceza, em San João d'Arnéguy. O Nive, pequeno rio que separa os dous paizes, separava-me tambem da região das phantasias. Acabava-se o Roncesvalles; mas se um dia, por desfastio, voltar á leitura do poema de Théroutde, mesmo em qualquer das imitações que por ahí correm constituindo a litteratura a cordel, prepassarão deante de meus olhos os quadros admiraveis que pude contemplar naquella deliciosa digressão.

Ilustrações de Thomaz de Moura.

FRANCISCO BRAGA.

A viagem do Príncipe

A trabalhosa formação da nacionalidade portugueza foi um assombro de animo, de tenacidade, de coincidencias felizes, de harmonia de esforços civicos; a miragem antevista pelo solitario infante do promontorio de Sagres foi como um aviso do destino, uma inspiração que Deus manda aos seus eleitos. Consolidada a independencia num paiz que foi sempre um dos mais pequenos da Europa, um sonho de altiva gloria rasgava-lhe horizontes que o iam collocar, pela extensão do territorio adquirido, pela riqueza do seu solo uberrimo, pelos mercados que se abriam ao commercio, pela novidade e economia das vias maritimas, acima dos mais vastos. Estreita faixa banhada pelo Oceano, com as fronteiras terrestres abertas a qualquer cubiosa invasão, parecia um povo condemnado á existencia ephemera dum principado feudal. Emancipou-o para sempre o denodo e patriotismo dos seus soldados, aureolou-o de immarcessivel fama, outorgou-lhe um patrimonio immenso, a coragem e dedicacão dos seus marinheiros.



S. A. R. O PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE.

A viagem do principe real ás colonias é a mais proficua lição da sua educação politica. Como elle deviam lá ter ido os nossos estadistas; ali completariam os estudos começados nas escolas, robusteceriam ou abandonariam as theo-

rias transmittidas pela leitura e aperfeiçoariam o que de bom pensam ácerca do ultramar. Um dos factores mais importantes do progresso das possessões britannicas, é a constante romaria que os seus homens publicos e a população da metropole fazem ao seu imperio colonial. Dessas visitas constantes, nasce um affectuoso estreitamento de relações de toda a especie e o conhecimento seguro e pratico da accão que deve exercer a mãe patria sobre cada uma das longinquas parcelas do seu ser.

O primeiro ponto que o herdeiro da coroa visitou foi a ilha de S. Thomé, a mais agricola e florescente das nossas colonias. Quasi debaixo do equador, os seus cerros mais elevados tope-tam com as nuvens. A sua vegetação é duma pujança inaudita. Cada palmo de terra daquelle



CAPITÃO AYRES ORNELLAS DE VASCONCELLOS

chão fertilíssimo compensa largamente o trabalho ali dispendido. A cidade, em baixo, é pobre e pouco saudavel. As roças são abundantes, algumas verdadeiros modelos no genero, como as do conde de Valle-Flor, Henrique de Mendonça e outras. A par da riqueza natural, da feracidade do torrão, a escassez dos braços. Os habitantes indigenas são poucos e indolentes, o clima não consente a mão de obra européa, é forçoso recorrer ao emigrante, que chega ali caro, insubmisso e em pequeno numero.

Eis nas suas linhas geraes o mais alto problema de S. Thomé. Possui um solo privilegiado, que não póde arrotar completamente por mingoa de trabalhadores. Todavia a sua situação é prospera, e tão prospera que durante a crise do ouro concorreu para equilibrar o premio da libra, que, sem as suas exportações de café e cacau, attingiria taxa muito mais elevada. Se as receitas da ilha fossem todas empregadas no desenvolvimento da colonia, seria ella a mais opulenta da Costa Occidental, mas infelizmente uma parte

dos seus rendimentos são enviados para acudir ao *deficit* da sua vizinha.

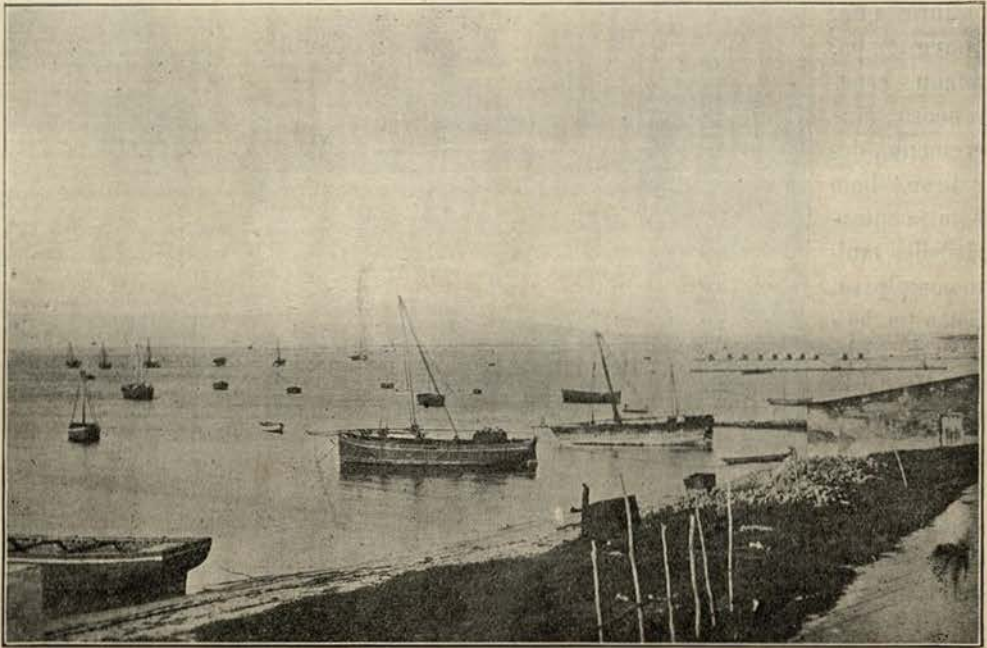
A segunda *étape* da viagem é Loanda, a accidentada capital da provincia de Angola. Edificada numa encosta, entre o monte de S. Miguel e a fortaleza do Penedo, lembra um tanto ou quanto Lisboa. É uma cidade



MOÇAMBIQUE — Praça Mouzinho de Albuquerque

limpa, com ruas bem calçadas e bem iluminadas, praças amplas e edificios importantes. O bairro indigena das Ingombotas é característico, e as casas de campo, ou *mosseques* embora assentes em terreno de pouca vegetação, são agradaveis e commodas.

Defronte da cidade estende-se a ilha de Loanda, um comprido cabedêlo pouco povoado, onde abrem aqui e ali os seus leques algumas palmeiras e coqueiros. Nos lar-



MOÇAMBIQUE — A ponte e o porto

de Pedro Alexandrino, personalidades que lembram épocas gloriosas da nossa historia.

Angola, apesar dos seus caminhos de ferro

de Ambaca, do planalto de Mossamedes e do que se está construindo em direcção das minas de Catanga, partindo de Lobito, luta com uma tremenda crise commercial e industrial. Territorio duma amplitude enorme, faltam-lhe iniciativas, capitães e braços. Pouco densa a população



QUELIMANE — Secretaria do governo

gos erguem-se diversos monumentos entre os quaes as estatuas de Salvador Correia de Sá e

indigena enferma dos mesmos males que torna toda a raça negra pouco trabalhadora. A agri-

cultura, que, houve tempo, tomou esperançoso incremento, debate-se hoje com contrariedades muito complexas, todas tendentes a coartar-lhe o progresso. A diminuição da actividade commercial, o definhamento das fazendas sertanejas, a concorrência do proximo



MOÇAMBIQUE — *Rua de S. Sebastião*

Congo belga, que tem sabido derivar para as suas feitorias a permuta dos generos nativos, as operações militares no sul da provincia, são causas muito heterogeneas, mas muito graves, que estão entravando os melhoramentos da colonia e que devem dar que meditar aos que teem por missão debelal-as.

No regresso, isto é, depois de percorrer a Costa Oriental, sua alteza irá ao Lobito para examinar os trabalhos effectuados naquella importante linha. A conclusão do consideravel troço é mais um poderoso elemento para a realização do soberbo sonho de Cecil Rhodes: cortar a Africa do Cairo ao Cabo da Boa Esperança com uma via ferrea. Mais uma vez terá o juvenil principe occasião de verificar que se os nossos estadistas tivessem sido previdentes a região do Barotze não sahiria da nossa posse e que os dominios portuguezes, unidas as duas provincias de Moçambique e de Angola, constituiriam uma bella faixa que iria sem solução de continuidade do Oceano Atlantico ao Oceano Indico.

Na costa oriental o primeiro porto onde o senhor D. Luiz Filippe entrará é Lourenço Marques, a mais vasta bahia de toda a Africa, que só tem uma rival na Asia: a de Bombaim. Depois de dobrar a Ponta Vermelha deparar-se-lhe-á quasi de repente, como numa mutação de



MOÇAMBIQUE — *Capella do palacio de S. Paulo*

theatro, a cidade, construída em declive suave até o alto do Maxaquene e do Mahé. O seu aspecto é excellenté, as suas avenidas largas e arborizadas, as suas construcções elegantes, com accentuado cunho europeu. O elemento estrangeiro, sacudindo a indolencia indigena e nossa, imprime aos seus habitantes uma actividade que só ali se encontra. Nas ruas passam as carroças, os electricos, os *djirichás*, os carros particulares, as machilas, os cavallos, os negros transportando



KIMBERLEY — *A grande rua do Du Toit*

mercadorias. Ouvirá, a miude, o silvo da locomotiva, o apito dos vapores de reboque, as se-reias dos grandes transatlanticos, o guincho plangente dos guindastes, terá, numa palavra, a impressão de que vae entrar num diligente centro commercial. E não se engana. Lourenço Marques é uma verdadeira colmeia onde o ename labuta de sol a sol.

No dia immediato, ou depois, após os indispensaveis jantares e recepções officiaes, assistirá na planície da Minhuana, no mesmo sitio onde se reuniram as forças que combateram Mauéua e que collocaram no poder Muzila, pae do celebre Gungunhana, a uma revista de cafres. Contemplará ahí as mangas landinas, na força de dez ou quinze mil homens, de altos pennachos de plumas vistosas, de rodela mosqueadas, de cascadeis ruidosos, de azagaias de todas as larguras e feitios. Vêl-os-á executar as suas danças de guerra cheias de esgares e de contorções, ouvirá os seus canticos bellicos, sonoros, harmoniosos, impregnados duma melopéa simultaneamente triste e marcial, dum conjunto agradável, mas que ao mesmo tempo infunde um tal ou qual respeito. Recordar-se-á que a maior

parte desses quinze mil homens foram vencidos pelas tropas portuguezas ha trese annos, em combates deseguaes, o que não os impedem de o saudarem agora com todo o entusiasmo e de atroarem os ares com o seu trovejante *c'houce!*

Seguirá mais tarde sua alteza até o Marraquene. Ali lhe mostrarão o local onde na madrugada de 2 de fevereiro de 1895 os landins romperam o quadrado de caçadores 2, o qual, reformando-se, os repelliu completamente, alcançando uma das victorias mais brilhantes que tropas europeas teem obtido sobre hordas selvagens. Não lhe sobra tempo nem commodidades para prolongar a jornada por mais dois dias e chegar até o Magul, onde se feriu o combate mais renhido da campanha, e onde Freire de Andrade, Henrique Couceiro e todos os seus camaradas se cobriram de gloria. Vista a villa Luiza, examinadas algumas fazendas agricolas e realizados alguns passeios de somenos importancia, embarcará para a ilha de Moçambique.

Sobre um pequeno ilhote de constituição madreporica encontrará a antiga capital da provincia. Perdido o seu antigo esplendor, é hoje quasi uma cidade morta, com as suas moradias de immaculada alvura, com a sua ampla fortaleza de S. Sebastião, cuja alvenaria foi toda transportada do reino, com os seus altos coqueiros e vastissimas cisternas. Pouco tem ali que lhe prenda a sua attenção. Um passado glorioso



JOHANNESBURGO — *Commissioner street*

e um arrastado presente de paralisação commercial. Se se dirigir ao continente fronteiro, ao Mossuril ou ás Cabaceiras surprehenderá a flora africana com todo o seu admiravel e suggestivo desenvolvimento. Encontrará o matto cerrado

dos namarraes, por trás do qual se teem acobertado os rebeldes, que, a salvo dos seus impenetraveis abrigos, metralham as expedições enviadas contra elle, e impedem que esse fertil e



PRETORIA — O « square » dos bancos

opulento trato de territorio portuguez entre no convívio da civilização e seja aproveitado.

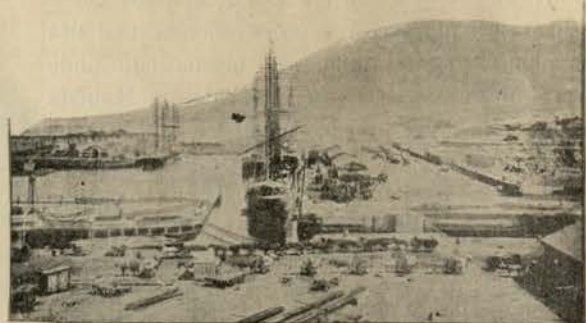
No regresso para o sul, sua alteza tocará em Quelimane, o porto mais importante da região da Zambezia. A villa pôde classificar-se, sem exaggero, de jardim encantador. Cada casa, isolada no meio de macissos de verdura, muito brancas, são ninhos adoraveis, que a sumptuosa hospitalidade dos seus habitantes transforma em recantos do paraizo. O calor ali é intenso, os mosquitos insupportaveis, mas tudo trabalha. A vasta arteria fluvial, que vem dos recessos mais afastados do centro do Continente Negro, transporta constantemente em direcção do mar os innumeros productos da dilatada região que banha. É uma riqueza perenne, e Quelimane é rica. Logo que o caminho de ferro ahi penetre com todas as vantagens da viação acelerada, as condições economicas do porto melhorarão de modo que as receitas publicas e particulares darão um salto prodigioso. A ida além do herdeiro da coroa será um passo gigantesco para a realização dum melhoramento que é quasi indisculpavel não se ter effectuado.

De volta a Lourenço Marques, o snr. D. Luiz Felipe, depois duma pequena demora, dirigi-se-á a Johannesburgo, a cidade do ouro, no Transvaal. Por mais que se tenham lido as prodigiosas descripções de como se improvisaram as cidades americanas, não se acredita, entrando

hoje no primeiro centro da antiga republica boer, que ha vinte annos aquella formosissima e luxuosissima terra fosse um triste e pobre descampado. O precioso metal que esse terreno continha no seu seio fez brotar do nada, com a ambição humana por varinha magica, a prodigiosa metropole. Tudo quanto a industria inventa, o commercio permuta, a opulencia proporciona, a imaginação phantasia, tudo se encontra ali. É uma das mais increditaveis realidades com que se tropeça no mundo. Nas minas os homens e os engenhos lidam com actividade febril para arrancar ao quartzo a omnipotente mola, que dali a algumas dezenas de metros se metamorphosea em quantos melhoramentos materiaes o progresso se lembrou de crear.

Depois de Joannesburgo, Kimberley, o ubere dos diamantes, que inunda o universo de gemas preciosas e que o afogaria nellas se as poderosissimas companhias, suas proprietarias, não regulassem a producção de modo a não baratear o valioso genero. Naquelles blocos de terra azulada, nas multiplicadas machinas que os desfazem e que de lá extrahem os tão procurados carvões que os seculos cristalisaram, aprenderá sua alteza como tão scintillantes joias saem de torrões na apparencia despreziveis.

A sua viagem ao sul de Africa terminará com uma visita ao Cabo da Boa Esperança, onde, se o tempo lho permittir, divisará o celebre promontorio tormentoso cantado por Camões



CABO DA BOA ESPERANÇA — As docas

Deparar-se-lhe-á uma cidade bonita, com esplendidos jardins e nelles orchideas como não existem em nenhuma outra parte. Talvez o seu espirito se dêa comparando o estado embriona-

rio do que é nosso com o pleno desenvolvimento do que pertence aos inglezes. Está, talvez, de futuro, na sua vontade melhorar um pouco, ou muito, tudo quanto viu. Ao seu lado nesta viagem leva um rapaz intelligente e estudioso, o snr. conselheiro Ayres de Ornellas. Nunca poupou a vida quando a patria lhe exigiu o cumprimento do seu dever militar, não se furta agora ao trabalho para que a sua passagem pe-

los conselhos da corôa seja assignalada por medidas de boa administração ultramarina.

Da viagem de ambos muito as colonias teem a esperar. Oxalá o moço principe não se esqueça, quando um dia fôr chamado a reinar, de quanto presenciou e das impressões que recebeu.

Lisboa — Junho de 1907.

EDUARDO DE NORONHA.



DESANIMO

E tudo vae morrendo,
como no templo a luz
de noite amortecendo
a frente de Jesus!

Sim, morre a minha alma
que só pulsou por ti,
ó rosa doce e calma,
ó meigo colibri.

Morre a minha esperança
apenas mal sentida,
e morre, mansa e mansa,
a minha ingloria vida.

Sonhei que eras só minha,
e que do meu regaço
jámais uma andorinha
fugia pelo espaço . . .

O sonho foi cruel,
qual horrido grilhão.
Predeu-me . . . e encheu de fel
meu pobre coração!

ANTONIO GARCIA



As duas monjas

HYGINO LAGIDO

ACTO EM VERSO

FIGURAS:

EMILIA 25 ANNOS
ELISA 20 »

EMILIA (*entrando*)

Bons dias, minha Elisa! Aqui... tão muda e só!...
Essa tristeza, amiga, inspira mágoa, e dó!
Dize: Que dôr profunda essa que alanceia
Teu meigo coração? De que é que se arreceia
Ess'alma que anda envolta em uma nuvem negra?
Senteste mal aqui? Achas pesada a regra?
Dize-me: Que é que tens? Saudades da família?

ELISA

O que sinto... nem sei, minha querida Emilia.
Eu própria não percebo o que se passa em mim.

(*pausa*)

Ha dias, fui sentar-me, ao fundo do jardim,
A pensar, a pensar...

EMILIA (*após pausa*)

Mas... dize, continúa

ELISA (*enlevada*)

Brilhava, além, no espaço, a nivea, a meiga lua...
Bem proximo de mim, nas franças d'um silvado,
Saudoso rouxinol trinava, em tom magoado,
Umaz canções d'amor. Dos lados da planicie
Veio uma aragem branda e, co'uma tal meiguice
As faces me tocou, que eu, juro-te, sonhei...

EMILIA (*depois de pausa*)

O que sonhaste, Elisa?

ELISA

Oh! deixa-me!... Nem sei.

EMILIA

Acaso, para mim, ainda tens segredos?

ELISA (*olhando a porta*)

Não, mas... talvez algum, alguns ouvidos trêdos..
Oh! que... se alguém soubesse o que eu ousei sonhar!...

EMILIA

Foi algum crime atroz?

ELISA

Não, mas, p'ra o confessar,
E p'ra obter perdão indiscutível, certo,
Era mister que tu soubesses bem de perto
Da minha vida a historia.

EMILIA

E, então, porque a não dizes?

ELISA

Não podes percebê-la. Aqui, vós, as felizes
Que a vida passaes bem por essas negras cellas,
Sem ver sequer a luz que lançam as estrellas
Não podeis entender os que, numa outra idade,
Puderam aquecer-se ao sol da Liberdade.
É mui diverso em nós o modo de encarar
As coisas d'esta vida. Aquí, neste logar,
Aonde, desde a infancia, alegre tens vivido,
Tu nunca saberás... sentir o que hei sentido...
Apenas acompanha os vãos que a alma dá
Alma que tenha dado os mesmos vãos já.

EMILIA

E quem te prova a ti que eu não divague em sonhos
Escuros como os teus ou como os teus risonhos?
Aqui, nesta masmorra, aonde se encarcéra,
Como se fôra brava e truculenta féra,
O nosso frágil corpo, inda se não prendeu
O espirito a ninguém. A luz do azul, do céu,
Que foge ao nosso olhar, nós vamos procurá-la
Com a imaginação...

ELISA (*atalhando*)

E podereis achá-la
Formosa tal qual é? Conseguireis sentir
As doces impressões que causa o sol, a rir,
Por campos e jardins, em toda a immensa esphera?
Já viste, acaso, Emilia, um céu de primavera
Com os teus olhos d'alma? Oh! não! não é possível!
A natureza em festa é, juro, inconcebível!
Só tendo-a visto um dia a poderás sonhar.

EMILIA

E não a poderei, acaso, recordar?
Amei-a em pequenina, antes d'entrar p'ra aqui:

ELISA

Mas...—louca!—Nessa idade... ai, nunca, como a vi,
A poderias vêr, porque o sonhar da infancia
Ainda não possui a mystica fragrança
Que tem da juventude a límpida alvorada...
O despontar da esp'rança—essa illusão rosada
Que vem tingir de luz as sombras do porvir,
Creando assim em nós vontade d'existir...

EMILIA

Supponhamos então, um pouco, que eu não sei,
Que não ouvi falar... que nem sequer sonhei
Um sonho d'esses teus, minha adorada Elisa,
Porque não é, por certo, o ciciar da brisa,

O aroma dos vergeis nem o chalar das aves
Da tua historia o thema. Os incidentes graves
Que buscas occultar... *porque eu os não entendo,*
Tudo isso que sonhaste e que eu saber pretendo
Não é uma phantasia, um sonho pantheista:
Teve causa real, por certo entrou na lista
Dos sonhos que, n'um livro, eu vi, ha quasi um anno...

ELISA (*abrindo muito os olhos*)

Tu viste um livro, Emilia? Um livro... mau, profano?

EMILIA

E quem me diz que é mau? Tu? Louca! Sê sincera
E franca, como eu sou. Ha muito que eu quizera
Dizer-te o que em mim vae, p'ra que depois descanses
O teu sobre o meu peito...

ELISA

Oh! se tu lês romances...

EMILIA

Leio.

ELISA

Como? Aqui dentro?!

EMILIA (*depois de olhar para a porta*)

E então?! Cá dentro... sim.

ELISA

Basta! Não digas mais, porque, sendo isso assim,
Deves saber assaz, para me compr'hender.
Jamais hesitarei, já posso descrever
As grandes emoções que outr'ora experimentei...

EMILIA

Dize, que estou anciosa.

ELISA (*depois de pausa*)

Eu... eu, Emilia, amei

EMILIA

Amaste?

ELISA

Sim, amei e com paixão sentida
Como se ama um só dia, uma só vez na vida.
Com aquelle fervor dos annos juvenis
Aonde as illusões parecem colibris
Cantando nos jardins do nosso bello ideal.
Com esse amor só d'alma, essencia divinal
Da vida toda luz que para nós desponta
Qual uma aurora d'oiro... (*fica enlevada*)

EMILIA (*após pausa, enlevada tambem*)

Aurora d'oiro!... (*tom*) Conta.

ELISA

Era noite de baile: Eu vi-o e elle viu-me.
Sorrir-nos em breve e elle então sorriu-me
De fôrma que eu não vira a mais ninguém sorrir...
Nem posso descrever. Sei que me fez sentir
As mesmas impressões que a rosa sentiria,
Quando sobre ella incide, ao despontar do dia,
O sol que a faz tremer e a faz desabrochar!...
Julguei até ouvir, alegres, a cantar,
Como em manhã d'abril, cem aves namoradas,
Ou côros ideaes de seraphins ou fadas
Que vinham ver banhar minha pobre alma em flôr
Na agua lustral da fé que tem por Deus—o Amor...
Veio falar-me após. A voz era tão dôce,
Que eu quasi vou jurar que tinha o quer que fôsse
Da musica que trila, em noites estrelladas,
Por entre os salgueiras de franças orvalhadas,
O meigo rouxinol. Cada palavra sua
Era uma luz argentea, um raio bom da lua,
Que desfazia o véo d'esta minh'alma triste,
Mostrando-me um porvir onde a ventura existe,
Qual uma toutinegra em um vergel com flôres... (tom)
Foi... ver a vida assim... a origem d'estas dôres.

EMILIA

Dôres?! Pois foste infeliz?

ELISA

Sim, mas... deixa que eu fale,
Deixa que me recorde... oh! deixa que me emballe
Na gondola ideal d'esses meus sonhos idos!...
Deixa que eu leve a alma aos mil jardins floridos
Do mundo da illusão, essa illusão querida,
Fonte única de goso em que eu bebi na vida.

EMILIA

Pois continúa, vá!

ELISA

Passaram-se alguns dias.
Par'cia que uma chuva, ou fonte d'alegrias,
D'uma esperança leda, ou d'infinitos gosos,
Me aljofarava o seiô. Os meus jardins formosos
Eram mais bellos inda; o murmurar das fontes,
O tôpo agreste, em flôr, que aromatiza os montes,
Das aves o chalar, pelas frondosas selvas,
E o proprio fio d'agua, a dar vigor ás relvas,
Tudo tinha, p'ra mim, um novo e bello encanto
Muito puro e ideal, immorredoiro e santo!...
Par'cia-me ser outra e outro ser o mundo:
A terra era pequena, o mar pouco profundo,
Em toda a sua azul e branca immensidade,
Para poder conter a minha f'licidade.

Eu via-o no horizonte, achava-o nas estrellas,
E quando o olhar cansado eu despregava d'ellas,
Para o deixar correr pela extensão das veigas,
Revia-o muita vez, em certas sombras meigas
Que a mente cria á noite. A sua bella imagem,
Qual branca luz do céo, qual ideal miragem,
Tinha-a comigo, emfim, como inda tenho agora,
Da luz da aurora, á noite, e, desde a noite, á aurora...

EMILIA

Amáste-o muito, Elisa...

ELISA (atalhando)

Oh! Nunca da memoria...

EMILIA (atalhando)

Eu gosto de te ouvir, mas... diz primeiro a historia.
Desejo conhecer o que te trouxe aqui.
De tudo quanto has dito, apenas percebi
Que amaste muito alguém, mas eu não sei sequer
Se o mesmo alguém te amou. Acaso outra mulher...

ELISA

Espera! Eu vou dizer. Quiz que conhecesses
O immenso que sonhei, para que compr'hendesses
Quanto depois soffri. Deixa que eu diga tudo...
Preciso ornar de flor's o enorme espinho agudo
Que me lacera o peito. (tom) Escuta—eu vou contar:
Era passado um mês e, um dia, ao despontar
De clara madrugada, eu vêjo-o, em frente a mim,
Entre um massiço d'era, á porta do jardim.
Fitando-me, sorriu. Tentei approximar-me
E ao vê-lo inda a sorrir-me, e ao vê-lo inda a fitar-me,
Pensei correr a elle, ir pôr-lhe a minha bôca
Na sua bôca fresca; e embriagada e louca,
Fugir com elle assim, por esse mundo além!...
O medo me cohibiu. Bem perto, minha mãe
Estava entre um arbusto e ella não sabia
Do meu nascente amor, pois ciosa lh'o escondia
Como um avaro esconde o seu thesoiro immenso.
Depois de suffocar o meu desejo intenso,
Em voz quasi sumida, eu suppliquei-lhe: «Parta!»
Partiu, mas, ao partir, deixava-me uma carta...
Formoso madrigal! Um cantico d'amôr
Suspenseo numa sébe, entre alecrins em flôr!

(Depois d'olhar para os lados, noutro tom, apontando o seiô)

Ainda a trago aqui. E' sob o escapulario
Que eu fiz ha muito tempo o dôce relicario
De tudo que era d'elle.

EMILIA

Ahi?! Póde-se vêr?

ELISA (*depois d'olhar para a porta, tira do seio a carta e entrega-a*)

Sim, eu confio em ti. Aqui tens, podes lêr.

EMILIA (*lê e vae-se enthusiasmando a pouco e pouco*)

« Senti, ao ver-vos, senhora,
Na alma um philtro divino...
Um banho da luz que a aurora
Estende campos em fóra,
Por sob um céu azulino.

Vós déstes-me a luz bemdita
Que, irradiando d'um sorriso,
Veio mostrar-me onde habita,
Toda a ventura infinita
D'um perpétuo paraíso.

Á minh'alma, quasi morta,
Vós déstes, no olhar risonho,
A esperança que conforta,
Que dá vida e que transporta
A's maravilhas do Sonho.

Em vossa côma doirada,
Brilhante, como o arrebol,
Julguei ver representada,
Como em clara madrugada,
A imagem aurea do sol.

Os labios côr dos rubis,
Entreabertos p'ra sorrir,
Lembravam dois colibrís,
Cercando os fios subtís
Dos dentes, per'las d'Ophir.

Na voz, eu cri escutar
Uma terna melopéa
Das que costumam trilar,
Nas franças do meu pomar,
As avesinhas da aldeia.

Tudo em vós é seducção,
Tudo me attrae, me arrebatá
E me prende o coração
Na mais dulcinea prisão,
Na, das prisões, a mais grata.

Dei-vos, emfim, minha vida
E, em troca, apenas vos peço
Na vossa alma uma guarida
Que seja a estancia querida
Dest'alma que vos off'reço... »

(declamando)

Seria isto verdade? Uma paixão sincera?

ELISA (*recebendo a carta que volta a guardar no seio*)

Asseguro que sim e a prova de que o era
Vaes tu agora ouvi-la. (*tom*) O tempo foi andando
E nós, a toda a hora, unindo, approximando,
O espirito um do outro. As cartas que trocavamos,
Olhares de fogo intenso, em que nos abrazavamos,
Constante suspirar, sempre em ancio vivo...
Tudo nos era causa, um fêrvido incentivo
A' vehemente paixão que, loucos, nos prendia.
Eu era tão feliz, que já me parecia
Que nunca a minha dita havia de findar.
Quantas horas passei, sem nunca me lembrar
No estorvo immenso e mau...

EMILIA (*atalhando*)

Mas... que estorvo? A familia.

ELISA

Sim.

EMILIA

Qual? A d'elle?

ELISA

Não—a minha, a minha, Emilia.

EMILIA

Mas... estorvo porquê? Juro que não percebo
O motivo, a razão... Acaso esse mancebo
Era indigno de ti?

ELISA

Era...

EMILIA

Era? Mas porquê?

ELISA

Pela razão eterna: Ha gente que não vê
Senão dinheiro a rodo. Elle era honrado e nobre,
Mas tinha a enorme pecha: elle...era quasi um pobre!
Um militar brioso, um vate de talento,
Mas nada d'isto tinha o vão merecimento
A que meu pae visava. A gente que tem oiro
Deseja mais ainda e acha que é desdoiro
Descer em numerario, embora suba em honra.
Prefere ser villã, transige co'a deshonra,
Mas foge a transigir com faltas do respeito
Devido ao deus-Milhão. O coração, no peito,

É coisa que não vale a minima attenção.
Para que possa amar, impõem-lhe a condição...
A condição absurda, a condição brutal
De procurar quem tenha uma fortuna igual.
Das victimas, a conta excede a mais de mil...

EMILIA

Mas isso é revoltante, é ascoroso, é vil!
Pois nada ter valor, senão o deus-Dinheiro!...

ELISA

Sim, revoltante!... é vil, mas... muito verdadeiro.
Mas... esqueçamos isto, ao menos por enquanto.
Deixa-me terminar. Quero que vejas quanto
De goso e soffrimento existe lá por fóra.

EMILIA

Mas não demores muito. Olha que, a esta hora,
Já pôde vir a madre...

ELISA

É muito cêdo ainda. (tom)
Apraz-me aviventar esta saudade infinda
Das horas de ventura.

EMILIA

E a mim immenso ouvir-te...
Nem tu calculas quanto! Eu ousou prevenir-te
Por recear que a madre, ás vezes, mande alguém...

ELISA (com signal de enfado)

A madre, sempre a madre! A negra e falsa mãe,
A ignobil carcereira...

EMILIA (olhando para a porta)

Oh! cala-te, por Deus!
Olha que um pensamento, assim como esses teus,
Ninguem o manifesta, occulta-se na mente...

ELISA

Bem sei. A hypocrisia inerva-as, não consente
Um rasgo de franqueza. (tom) Ouve, já agora, o fim,
Se pôdes ouvir mais.

EMILIA

Louquinha! Pois se, a mim,
Me interessa tanto a historia!...

ELISA

Escuta, pois, então:

Um dia, vem alguém que pede a minha mão.
Que sim lhe diz meu pae e, sem me consultar,
Tratou com todo o afan de, á pressa me ligar
A um homem que eu só vira algumas raras vezes. (tom)
Eu sei que existe alguém, que ha almas como arnezes.
Com essa força enorme, incrível, p'ra vergarem
A taes imposições, sem mais se recordarem
Do seu amor primeiro, a méra brincadeira
De quem não pensa ainda. Affirmam que ha maneira
De suffocar no peito a voz do coração,
Fazendo submitter-se ao peso da razão
Que dizem que é a vontade, a ambição paterna,
Peor que o preconceito, essa loucura eterna.
Mas eu não pude, ai não! que se invocava a imagem
D'aquelle que, até alli, sempre me deu coragem
Mais fraca eu era então, porque me vinha d'elle
Aquillo que tornava esta minh'alma imbelles
P'ra o grande sacrificio. Oh! eu tremia tôda,
Quando me vinha á ideia essa horrorosa bôda
Que andavam preparando e eu nunca acceptaria.
Ninguem falou commigo. Eu... nada proferia.
Envolviam-me em oiro, em sedas, finas rendas
Chegavam, sem cessar, mil fabulosas prendas.
E eu sem poder falar, por não achar motivo.
Mas a hora chegou. Meu pae, com gesto altivo,
Num asp'ro tom de voz, que até me fez tremer,
Veio dizer-me ao quarto: «E' tempo de eu saber
Qual a impressão que tem do noivo que lhe dou.
Vae decorrido um mês e ainda não falou
Uma só vez sobre elle ou sobre o breve enlace...»
«Como queria o pae que nisso lhe falasse
Se nunca uma palavra a tal respeito disse!»
«Nem precisei dizer. Bastava que me ouvisse
Dizer que para o templo era mister partir,
Se alguém me não viesse, agora, prevenir
De que uns amôres quaesquer a trazem perturbada...
Um quasi nada louca... assim como afastada
Das ordens paternaes. É isto ou não verdade?»
Não sei se foi, Emilia, a minha ingenuidade,
Se o muito que eu amava aquelle a quem queria
Que me levou a crêr que ainda o convencia.
Chorando, eu disse tudo. Eu suppliquei prostrada,
Que me deixasse unir ao homem cuja espada
Podia conquistar um grande nome ainda.
Que me não constringesse á desventura infinda
De desposar um outro a quem eu não amava...
E elle iracundo, então, qual um senhor p'ra escrava,
Profero com rancôr: «Fará o que eu quizer!
Nunca soube vergar-me á voz d'uma mulher
E muito menos sei, tratando d'uma filha.
Eu a farei parar, na via que hoje trilha,
Para tomar aquella em que a mandar seguir!»
Jurei que não podia e elle... poz-se a rir
Com esse riso mau de quem possúe, na mão,
A sorte d'um vencido. Oh! revoltei-me, então:
Seccou-me o pranto, emfim. Sem mais soltar um ai,
Eu disse... o que outra filha inda não disse a um pae.

EMILIA

Mas procedeste mal.

ELISA

Sim, procedi, bem sei,

Mas crê que, nesse instante, apenas escutei
A voz do coração. Razão... tinha-a perdido
Ao ver o meu amor por elle escarnecido.
Depois .. eu era quasi ainda uma creança...

EMILIA

Sim, mas... depois, teu pae não procurou vingança?

ELISA

E a mais acerba, Emilia. Eu fui encarcerada,
Numa camara escura, aonde era tratada
Por uma creada velha, estúpida e cruel.
Se visses quanta dôr e quanto amargo fel
Eu destillei em pranto!...

EMILIA

E não havia alguém

Com algum dó de ti? Nem sequer tua mãe...

ELISA

Minha mãe... pobre d'ella! Essa aguentava cruz
Inda peor que a minha. O cárcere sem luz,
Onde eu jazi um anno, inda melhor lhe fôra
Que as torturas sem nome, as dôres que a toda a hora
Lhe dava, sem piedade...

EMILIA

O que disseste? Um anno

Nessa masmorra escura? E ha coração humano
Capaz de sujeitar, a tal castigo, alguém?

ELISA

Não o duvides — ha, porque... este mundo tem
Alguma coisa já do soffrimento eterno
Que nos dizem haver... nos caldeirões do inferno.

EMILIA (*como consigo*)

Que nos dizem haver... sim. Se o haverá... quem sabe?

ELISA

Deixemos isso, agora. Espera que eu acabe...

EMILIA

Pois sim, acaba então, porque... eu desejo, quero
Saber o fim á historia e ver se era sincero
O amor do teu amado.

ELISA

Era sincero, sim.

Amor que consagrava unicamente a mim,
Desint'ressado, são. (*tom*) Quando meu pae achou
Que eu já soffrera assaz e a serva me soltou,
Eu pude então saber quanto soffreu tambem.
Nem um dia passou, sem que mandasse alguém
Saber do meu destino. Era um creado antigo
Que logo se tornara num seu leal amigo
Que lhe dizia sempre o que de mim sabia
E que me disse a mim do raio d'alegria
Que lhe vira passar, nas faces, ao saber
Que eu era solta já. (*pausa e novo tom*) Estive sem poder
Fitar a luz do dia, um longo mês inteiro...

EMILIA (*depois de nova pausa*)

E, após esse horroroso e duro captiveiro,
Teu pae deixou-te em paz?

ELISA

Quasi. Elle calculava

Que eu esquecera tudo e já o não amava.
Engano! o amôr creceu, nos corações dos dois,
De fôrma extraordinaria...

EMILIA

Era de crêr. Depois?

ELISA

Depois, quando eu já tinha habituado a vista
A ver a luz do sol, pediu-me uma entrevista...

EMILIA

Concedeste-lh'a?

ELISA

Sim.

EMILIA

Mas como? E tu pudeste?...

ELISA

De noite, no jardim.

EMILIA

De noite?! E não tiveste

Receio de que alguém te descobrisse, Elisa?

ELISA

O amor é cego, Emilia. Elle não vê balisa
Que o faça recuar nem que lhe ponha medo.
Mas... vamos terminar. E' quasi findo o enredo
Da minha historia, emfim. Passemos ao desfecho:
Desci pela janella e achei-me, a breve trecho,
Num banco natural, coberto a verdes heras,
Aonde, havia já quatorze primaveras,

Passára as tardes sempre. A noite era formosa...
 O aroma do alecrim e da setínea rosa
 Par'cia uma carícia. Uma ligeira brisa
 Fazia estremecer, á luz quasi indecisa
 Da lua merencórea, o calix d'uma dhália...
 O céu era azulino, um bello céu d'Italia,
 Um Eden o jardim, o parque extenso, a veiga.
 Da terna philomella, a serenata meiga
 Que vinha d'entre um olmo e da magnolia em flor,
 Era bem a harmonia, o cantico d'amor,
 D'este amor de novella e de poesia e sonho. *(pausa)*
 Mas elle veio, emfim. No longo olhar risonho
 Que lhe entrevi brilhar, á luz da terna Phébe,
 Li-lhe a maior ventura. Ai, não! Ninguém concêbe,
 Sem tê-lo exp'imentado, o que é este momento,
 Em que se encontram sós, depois de crú tormento,
 Dois jovens corações. *(pausa e novo tom)* Colloca-se ao meu lado
 E, sem uma allusão ao nosso mau passado,
 Começa d'envolver-me em tantas mil caricias,
 Que eu cri exp'imentar as divinaes delicias
 Que tem o paraíso... *(fica como absorva em doces recordações)*

EMILIA *(que a escuta com interesse crescente)*

Oh! mas... depois? Que mais?

ELISA

Depois... pela alameda... ao pé dos laranjaes,
 Por sob aquelle céu tão luminoso e lindo,
 Alegres, suspirando e, a cada passo, rindo,
 Andamos divagando a noite quasi inteira,
 Chegando a imaginar que vida tão fagueira
 P'ra nós era sem fim. Já nada nos lembrava
 Senão esse prazer que nos embriagava
 Como um licôr ideal, quando presentimos
 Um ruido qualquer. Calamo-noç e ouvimos
 Distinctamente o andar d'alguem muito apressado
 Que para nós corria. Era o fiel creado
 Que vinha prevenir de que meu pae se erguera
 E que me procurava. Eu quiz fugir, mas era
 Já tarde p'ra o fazer... Passados uns momentos,
 Eu supportava já os mais crueis tormentos...

EMILIA

E elle, e elle, Elisa? O teu pae não o viu?

ELISA

Viu, quiz matá-lo até...

EMILIA *(anciosa)*

E então? Que fez? Fugiu?

ELISA

Que duvida! Fugiu. Que havia de fazer?

EMILIA

Ficar junto de ti, para te defender.

ELISA

Contra meu pae? És doida! *(tom)* Attende, escuta o resto...

EMILIA

Eu creio adivinhar. Depois... é manifesto:
 Vieste para aqui...

ELISA

Não vim logo, a seguir.

EMILIA

Foste presa outra vez? Melhor te fôra vir...

ELISA

Espera! Desta vez, foi elle o perseguido:
 Passado pouco tempo, era elle transferido
 P'ra um ponto do paiz de cujo regimento
 Sahiria para a Africa um destacamento...
 Com o qual partiu. Despediu-se risonho
 E alegre me deixou, que o nosso bello sonho
 Estava realizado...

EMILIA

Ah?! Como realizado?

ELISA

Depois de elle partir e de já ter fixado
 A sua habitação, lá nessas longes terras
 E de terem findado as presumiveis guerras,
 Mandava-me ir tambem e... eis realizado assim
 O nosso sonho ardente. Alli, teriam fim
 Os martyrios crueis que supportei dois annos...

EMILIA

Mas quem vos transtornou os vossos bellos planos?

ELISA

Meu pae que descobriu qual era o nosso intento,
 Roubando-me uma carta. E o meu maior tormento
 Principiou então, que a derradeira esp'rança
 Cahiu por terra alli, co'a minha loira trança
 Cortada sem piedade, antes de aqui entrar.

EMILIA

E não deixaste mais, ainda aqui, de o amar?

ELISA

Ai, nunca, nunca, Emilia! Ainda quando entravas...

EMILIA

Quando eu entrava... sim: disseste que sonhavas...

ELISA

Disse-te que sonhei, sentada na janella,
 Ouvindo o chalrear de terna philomella...

EMILIA

Sim... que sonhaste, sim, mas... não disseste o quê.

ELISA

Que havia de eu sonhar? Era com elle, crê.
Na voz do rouxinol, naquella voz tão dôce,
Como te disse já, achei o quer que fosse
Da sua voz maviosa. Eu julguei ver-lhe a imagem
Na estatua que ha na cerca... E, numa branda aragem
Que a face me tocou, cariciosa e leve,
Eu pude exp'imentar, por um momento breve,
Todo o prazer d'um beijo, um beijo ideal... dos seus. (tom)
Não te rias de mim, peço-t'o eu, por Deus!

EMILIA

Que me não ria, Elisa! Oh! porque me hei de eu rir?
(*com calor*)

Se pudesses saber o que me fez sentir
A tua historia triste, o teu amor infeliz!...
Aqui, tambem se sente e, se ninguem o diz,
Tu sabes a razão. Se tu pudesses ver
O que aqui dentro vae, (*bate no peito*) verias que a mulher
Não morre ao professar. Não pára nas artérias
O sangue novo e ardente e, ai! quantas misérias
A nossa carne moça aqui não soffre preza!
E quanta vez eu sinto, em um desejo accesa,
Vontade de partir aquella dura grade
Para depois fugir, correr p'la immensidade
Do campo e matagaes que hoje nos são vedados
Podendo desfazer nas fragas dos vallados
A minha veste negra. O que sou eu aqui?
Oh! posso assegurar que ainda não senti
O bem que dizem vir do nosso enterro em vida!
Aonde existe a fé da pobre constrangida
Que reza horas sem fim, relapsa, impenitente,
Coisas que o labio diz e o coração não sente?

Quem inventou a casa a que chamou convento
Quíz inventar a morte, o aniquilamento
Da natureza viva! Oh! que me prove alguém
Que uma mulher que amou, uma mulher que é mãe
Desempenhou peor sua missão na terra
Que a murcha, a estéril flôr que este casebre encerra!...
Quem te frustrou a ti os sonhos de ventura?
Esta enxovia horrenda, esta masmorra escura...

ELISA

Oh! Sim! disseste bem, porque, se ella não fora,
Eu era bem feliz, por certo, a esta hora.
Teria a luz do sol, a paz do coração ..

EMILIA

A paz, o bem, o amor!... Em troca... uma paixão!
É horroroso, é vil! Por sob o escapulario,
Ha transes de galés, angustias de Calvario!
Do amargo fel do mundo, a cruciante esponja
Alegre eu preferia ao meu viver de monja.
Deste-me vida, Elisa. Eu sinto reviver
Todo o meu sangue ardente e joven de mulher.
Parece que me vae faltar, em pouco, o ar!
Não quero aqui morrer, preciso de bradar...

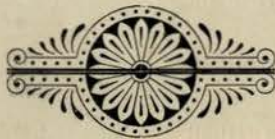
ELISA (*com enthusiasmo*)

Sim, é preciso, sim. De frontes altaneiras,
Busquemos estalar as frias gargalheiras
Que nos prendem aqui a nossa flicidade!
Brademos: Liberdade!

EMILIA (*como em ancia*)

Oh! Sim... a Liberdade!!

CAE O PANNO



CASOS DO MEZ

A VIAGEM DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Os acontecimentos tumultuosos de junho, provocados pela viagem ao Porto do snr. Conselheiro João Franco, tiveram larga repercussão de



A VISITA DO PRESIDENTE DO CONSELHO
A' sahida da Academia Polytechnica, manifestação de sympathia de um grupo de alumnos

curiosidade em todo o paiz, e mesmo no estrangeiro, onde chegaram a correr, a proposito da ordem publica em Portugal, as mais alarmantes noticias.

Após o golpe de estado de maio, em virtude do qual o snr. Conselheiro João Franco se arvorou em dictadura, julgaram convenientes os seus amigos do norte do paiz realisar no Porto um grande banquete offerecido ao seu chefe.

Desde logo a opinião publica entrou de agitar-se, e largas discussões se produziram em conversas particulares e na imprensa, sobre a oportunidade de semelhante festa.

Segundo uns, a vinda ao Porto do presidente do conselho, após a dissolução do parlamento sem ter sido ouvido o Conselho de Estado e quando se ia entrar em administração ditatorial, era uma provocação aos brios liberaes da invicta cidade. Segundo outros, que criam que o snr. João Franco fôra levado a tal procedimento pelo obstruccionismo parlamentar, os franquistas estavam no seu direito de realisar o festim annuciado, em consagração do homem publico para o qual se voltavam as suas sympathias.

E quando, na tarde de 18 de julho, chegou á estação de S. Bento o comboio que conduzia o snr. João Franco, via-se que uma parte da população portuense estava animada de uma certa malquerença contra o ministro.

Dentro da gare, onde fôra prohibida a entrada a muitas pessoas, enfileiravam cerca de mil cavalheiros dos mais importantes franquistas do norte do paiz, que fizeram ao snr. João Franco uma recepção entusiastica.

Cá fóra, porém, na Praça Almeida Garrett, coalhada de gente, as coisas passavam-se de maneira diversa. Mal o snr. João Franco despontou á porta da sahida da estação, a multidão rompeu em assobios e brados de protesto, erguendo ao ar nas pontas das bengalas um manifesto que pouco antes fôra distribuido, assignado por quinze mil individuos. Gritos de *viva a Carta Constitucional, viva a Liberdade, abaixo a dictadura*, e outros ainda mais subversivos, se ouviram, sem que as forças de policia e de linha conseguissem conter os manifestantes. Entrando n'um trem, o presidente do conselho seguiu rapidamente pela rua de Santo Antonio, em direcção ao palacete do snr. Con-



A VISITA DO PRESIDENTE DO CONSELHO
A' sahida do Hospital da Misericordia — Conselheiro João Franco e conselheiro José Novaes, entrando para o trem

selheiro José Novaes, á rua Formosa, acompanhado durante o trajecto das mesmas manifestações de protesto, que mais intensas se repetiram á porta do ex-ministro da justiça.

Na tarde d'esse dia, quando varios cavalheiros franquistas se dirigiam para a Academia Polytechnica, onde o banquete se realisou, foram desrespeitados pela multidão, que se



A VISITA DO PRESIDENTE DO CONSELHO
À sahida do Lyceu da Porta do Sol — Conselheiro João Franco
Dr. Pinto de Mesquita e Conselheiro José Novaes

apinhava em torno do edificio, apesar das continuas correrias da guarda municipal.

No dia seguinte a cidade retomou o seu aspecto habitual. O snr. João Franco visitou por essa occasião os estabelecimentos de instrucção, onde se realisaram ainda manifestações pró e contra.

Na viagem para Lisboa, nas gares onde o comboio parou, o snr. ministro do reino ouvia ainda brados de sympathia e gritos de protesto. E finalmente em Lisboa a viagem encerrou-se trágicamente, num motim assustador que cortou a vida a duas pessoas, havendo bastantes feridos.

O S. JOÃO EM BRAGA

As romarias, essas festas typicas que conservam ainda o character nacional, são um divertimento indispensavel ao bom povo portuguez, que, labutando continuamente no trabalho dos campos ou das officinas, precisa de quando em quando, de uns dias de folga em que a sua alegria se expanda livremente, em plena despreocupação.

Chegados esses momentos, esperados com ancia, os camponeses põem de parte os instrumentos do seu trabalho, nas fabricas paralisa o movimento, as officinas ficam desertas, e, en-

traçados em fatiotas domingueiras, rapazes e raparigas, velhos e velhas, varapau e farnel na mão, lá vão todos, em ranchadas, explodindo alegria, cantando e dansando ao som d'uma viola gemente ou d'um harmonium monotono, caminho da romaria, a grande attracção que subjuga aquelles espiritos simples!

E, sem preoccupações, sem perscrutarem o futuro, cuidando só do presente, dançam e cantam até que o sol tomba no poente, annunciando que a festa toca o seu termo, e são horas de dar descanso ao corpo, que no dia seguinte voltará a entregar-se ao trabalho quotidiano.

Alli, nessa Braga pacata, onde não ha elementos de vida para movimentarem a população, as festas, a mais apparatusa manifestação externa do culto, succedem-se umas ás outras, como uma necessidade organica, que ha muito se transmudou em habito.

Desde que a Primavera faz a sua entrada, arremessando flores por sôbre as arvores fructiferas, revestindo de folhagem os arvoredos e estrellando de malmequeres os valles e outeiros, na capital do Minho, ao abordar-se um domingo ou um dia santo, é certa a festa, em igreja ou nicho, n'esta rua ou naquelle largo, com arraial ou sem elle.



O S. JOÃO EM BRAGA

As illuminações e a capella de S. João da Ponte

Os peditorios para as festividades seguem-se uns aos outros, atacando as bolsas como a phylloxera as vinhas ou deixando-as roídas como a formiga branca ás madeiras. Aparecem-nos, nestes bandos precatórios, representantes de

todas as classes sociaes, desde o nobre ao plebeu; e até moçoilas de carnações sadias, em trajes domingueiros e berrantes de côres, transformando o peito, opulento de fórmãs, em exposição de ourives, vêem dos suburbios da



O S. JOÃO EM BRAGA

Um aspecto das illuminações no Campo D. Luiz 1

cidade, servir de isca á generosidade dos devotos.

Os arraiaes, com illuminação, musica, fogo de artificio e o indispensavel bazar de prendas, attrahem a população que procura divertir-se e que, mal ouvem o *fungagá* das philharmonicas, logo vem para a rua, na ancia de ver e ser vista, e de gosar o melhor que possa.

Mas a grande festa, que, annualmente, movimenta a antiga côrte dos reis suevos, é a festa do S. João, feita com uma imponencia e brilhantismo, que de anno para anno vae augmentando.

A romaria do S. João, o santo popular, Precursor de Christo, é inquestionavelmente uma das que mais falam á imaginação do nosso povo. E é ver como Braga se enche de forasteiros por occasião da romaria do S. João da Ponte. De todos os lados, por todas as ruas, as ranchadas de povo seguem-se umas ás outras, e, no pittoresco local da ponte, uma multidão compacta, salpicada de côres mordentes, vem trazer-nos uma nota alegre, impressiva, afugentando, por momentos, a monotonia que nos enlaça.

Braga, despertando, entraja-se de galas, para receber os seus visitantes, que vão levar-lhe uma

animação extraordinaria; e, por essas aldeias em torno, rapagões espadatúdos, a fronte tismada do sol, preparam as suas violas para os descantes amorosos, um picado desafio com as bellas raparigas de olhares gaiatos.

O S. João! O S. João!

Eis a *great attraction* que arrasta de entre as aldeias tufadas de verdura os camponezes alegres, d'uma vivacidade emotiva, penetrante! E, em bandos, poeirontos, lá vão zurrando nos seus harmoniuns e violas desafinadas, guinchando uns descantes apropriados ao seu viver rude, mas feliz. E as Marias, braços na cintura, modos agaiatados, fazendo resaltar as fórmãs opulentas, estorcem-se doidejantes nos colleantes mencios do *Vira* e da *Canninha Verde*...

Braga, a pacata, presa habitualmente d'uma monotonia fastidiosa, propria a gerar o *spleen*, vê-se, de repente, invadida por uma multidão compacta composta de todas as classes, vibrando d'alegria, avidas de gosar as distracções que estas festas proporcionam.



O S. JOÃO EM BRAGA — *Uma barraca de comidas*

Desde as lavradeiras gaiatas, rubicundas, fazendo resaltar, nos trajes, cores variadas e fortes, até ás senhoras mais ou menos polidas, mais ou menos rigoristas na exhibição das suas *toilettes*, eivadas algumas d'um provincianismo traiçoeiro que as compromette, de tudo allí apparece, pondo uma nota de frescura e pittoresco na grande mancha polychroma da multidão.

E desde o aldeão typico, chapau molle caído ao lado, mangerico sobre a orelha e varapau

por companheiro, até ao grave e austero fidalgo provinciano, vivendo pachorrentamente num ve-



O S. JOÃO EM BRAGA — *Outro aspecto das illuminações*

lho solar, de tudo alli se vê, de tudo se compõe o conjuncto dos representantes do sexo forte.

E as camponesas, as bellas lavradeiras do Minho, reprimida com lenços ramalhetados a opulencia do seio, pendentes das orelhas as enormes arrecadas fili-granadas, emmoldurando o pé a chinellazita de polimento, bordada a pesponto, que graciosas que são na sua gaiatice, sorrindo brejeiramente, requebrando-se numa flexuosidade typica, explodindo umas gargalhadas ironicas, crystallinamente timbradas!

Na Ponte, esse local pittoresco, tão visitado todos os annos por uma enorme multidão de forasteiros, vê-se ondular uma seara de cabeças num movimento ininterrupto.

Bandos de raparigas frescalhudas, retinta dum sangue bom a tez pennugenta, envolvem com o timbre da sua voz penetrante o retilintar dos ferrinhos e o som abafado, monotono, arrancado, a espaços compassados, d'uma triste pele de jumento, secca e retezada! Uivam rabeças, soltando uns guinchos agudos emquanto que harmoniuns gemem dolentes, e violas acom-

panham, num rhythmo monotono e somnolento, todo este charivari musical. E rapazes e raparigas, saracoteando, volteando e revolteando, uns requebros gaiatos d'uma choreographia primitiva, fazem refrescar no vulcão do amor a lava ardente do desejo.

E emquanto que as illuminações, salpicando de luz o pittoresco local, recortam as ramarias negras do arvoredo, o fogo do ar lançado do Picoto, risca de traços luminosos o espaço e despede, lá do alto, umas lagrimas coloridas que são o encanto dos basbaques.

A tradicional dança do rei David e da côrte e o carro dos Pastores, com as suas nuvens d'algodão e as suas estrellas de papel, são o encanto do nosso povo, um verdadeiro attractivo que o leva por essas ruas, sem que o enfastiem as continuadas repetições da mesma exhibição.



O S. JOÃO EM BRAGA — *Um aspecto das decorações do Passeio Publico*

O festival no Passeio Publico é um numero sempre distincto nas festas joanninas, e a que dão um verdadeiro realce as damas galantes, mimosas como a florescia da Primavera, envoltas em *toilettes* claras, vaporosas, pondo em evidencia, o busto, a cabeça tentadora, o rosto esculptural, d'onde irradiam olhares penetrantes que estonteam.



O S. JOÃO EM BRAGA — *Um grupo de amazonas*

Este anno, as festas attingiram um brilho desusado. Milhares de forasteiros, acorrendo de todos os pontos do paiz, cahiram sobre a cidade dos arcebispos, que não poude alojal-os a todos. E assim, era bello de ver-se os innumerables grupos que houveram de passar a noite ao relento, estendidos aqui e além, disseminados pe-



JOÃO CHAGAS

las collinas, ou na frondosa matta do Bom Jesus, sob a ramaria protectora das carvalheiras e dos sobreiros...

O JULGAMENTO DE JOÃO CHAGAS

Desde que no parlamento foi approvada a nova lei de imprensa, raras vezes as salas de audiencia dos tribunaes do paiz, sobretudo de Lisboa e Porto, teem ficado desertas de jornalistas. Quasi todos os dias se lê que da ultima reunião do *gabinete negro* resultou mais uma alluvião de querellas. E raro é o dia tambem em que o tribunal collectivo não haja de reunir para julgar um jornalista.

Coube agora a vez a João Chagas, fogoso democrata e brilhante jornalista, que diariamente vem anotando as suas impressões, em scintillantes chronicas subordinadas ao titulo de — *As minhas razões* — em o nosso presado collega *O primeiro de Janeiro*. E foi mesmo uma d'essas chronicas que cahiu sobre a alçada da lei, levando novamente o popular diario portuense ao banco dos reus.

Do julgamento, muito concorrido, e que causou sensação, resultou a absolvição do distincto escriptor.

A SUSPENSÃO DOS JORNAES

Como entendesse que a lei de imprensa não constituia brida bastante segura para suffocar a independencia jornalista, promulgou o governo, em dictadura, um decreto auctorizando os governadores civis a suspenderem os jornaes que entenderem conveniente. As primeiras victimas da nova lei foram, em Lisboa, *O Mundo e o Paiz*; no Porto, o *Primeiro de Janeiro* e a *Voz Publica*.

A adopção d'estas medidas provocaram verdadeira sensação no paiz, tanto mais justificada quanto é certo que a lei invocada não tinha sido inserida ainda no *Diario do Governo* á data da sua applicação.



A FAMÍLIA DO THOMAZ

(SCENAS DA VIDA OPERARIA)

Não era sem razão, que os companheiros da officina lhe chamavam o bom Thomaz. Honesto, trabalhador e até generoso, no meio da sua grande pobreza, quando algum vizinho cahia doente, era sempre elle o primeiro a offerecer delicadamente os seus prestimos, a insistir persuasivamente na utilização dos seus desinteressados serviços.

E todavia, o honrado operario que tão bem comprehendia os alevantados deveres da fraternidade, vivia muito mal.

Pois se elle tinha a Rachel, o Arnaldito e a Paulita, tres creancinhas tão lindas como os ideaes amorosos!! — se a sua laboriosa companheira — a Luiza, já não podia como dantes nos primeiros tempos de casada, ir envolta no seu chalesito verde escuro para a modista, onde trabalhando muito auferia os seus tres pintos semanaes?! — e se elle, o bom Thomaz, o trabalhador incançavel apenas recebia de feria meia moeda cada sabbado, com que se alimentavam a todos, como podia pois viver sem uma lucta constante com a miseria?

E não era porque o Thomaz, não trabalhasse afadigado, desde o despertar da madrugada, até depois que os ultimos clarões do dia de todo se perdiam no occidente. Se o seu trabalho valia mais, muito mais, a Companhia não queria saber disso. A direcção não reparava nos que mais trabalhavam; o que queria era affirmar a sua cuidadosa gerencia com a distribuição de grandes dividendos.

Todas as noites, depois de na *ilha* se haver feito o silencio, quando tudo repousava por aquelles buracos escuros, menos confortaveis do que os mais modestos mausoleus dos ricos, o Thomaz e a mulher discutiam projectos tendentes a augmentar a parca receita.

A Luiza, a pobre Luiza, já havia aventado a ideia de ir vender fructas ou hortaliça para a praça. E o Thomaz, hesitou ante tal resolução; mas afinal, decidido pela perspectiva d'algum lucro, concordou, louvando, commovido, a dedicação da esposa.

Porém, uma difficuldade importante se apresentava; era conseguir algum dinheiro para o inicio do modesto negocio. E consumiam horas e horas da noite em projectos similhantes, sempre inexequiveis pela falta de uma alma generosa que lhes lançasse um cabo d'auxilio salvador naquelle cruel debater pela vida.

*
* *

Um dia, porém, o Thomaz, elle que sahia de casa quer chovesse ou nevasse, aos primeiros alvares do dia, e que costumava ouvir o silvo agudo do motor da fabrica, já encostado ao ferreo portão da entrada, nesse dia o bom operario, sentiu faltar-lhe a vontade pelo trabalho como nunca sentira durante toda a sua vida de productor.

Havia uma força extranha que o retinha. E contemplando triste os queridos filhitos que juntos dormiam tranquillamente num tosko leito de pinho, o Thomaz, sentiu que ao terminar de imprimir uns beijos puros de pae amantissimo, nos rostos alegres das suas creancinhas, as lagrimas lhe desciam insensivelmente pelas faces. E dominado por um presentimento inexplicavel, tão persistente como aterrador, levou as mãos á cabeça e balbuciou desalentadamente: — pobres innocentes! Mas, acordado de repente por intima reflexão, descerrou os labios num sorriso de affoiteza, e pegando no chapéu sahiu, dizendo

comsigo: — Vamos, coragem! é preciso ganhar honradamente o pão duro e negro para enganar os estômagos d'estas creaturinhas, por quem eu deixaria arrancar uma a uma todas as fibras do meu dolorido coração de pae.

E resolutu, mal enroupado, sem medo á chuva fina e cerrada, que cahia tocada pelo vento, lá seguiu apressado o caminho da fabrica.

A Luiza, a dedicada companheira do Thomaz depois d'elle sahir ficou triste. Recordava-se que uns dias antes o seu homem lhe havia dito: — Olha, Luiza, ando profundamente entristecido. Assaltam-me amiudadas vezes ideias sinistras, presentimentos funestos. Imagina o que seria de ti, minha pobre esposa, tu que arruinaste as tuas forças em excessos de labor, em vigílias longas e pela falta de alimentação; tu que estás dôente, sem que tenhamos recursos para o teu tratamento; — o que seria de ti, minha querida e terna amiga, sem o arrimo dedicado do meu braço! E depois, os nossos filhos que estremecemos, flores que se estiolam nas sombras mortíferas desta ilha, que seria de todos vós se eu faltasse?!

Ao attentar, minha Luiza, no horisonte de miserias que se levantaria diante da minha idolatrada familia, se eu desaparecesse... sinto que me falta o animo!

Luiza, reflectindo nas palavras do seu marido, commoveu-se fundamente. Mas ella acalentava uma fé intima no melhoramento da sua vida; e essa crença foi o primeiro sentimento a reanimal-a, lembrando-lhe os seus deveres de esposa e de mãe. E começou a trabalhar dobando algodão, em que ganhava seis tostões por semana, trabalhando muito.

Já a carinhosa mãe havia distribuido o almoço aos pequenitos, umas canequinhas de café cobertas por fatias de semente que elles receberam alegres, rindo e cantando.

A Luiza revia-se naquella doce alegria dos filhos.

Ai! como é bella, como é encantadora a vida das creancinhas quando os paes ainda que pobrissimos, vêem nos seus filhos crystallizados, o seu amor, os seus pensamentos, os seus estímulos e consolos d'alma!

O' mães ricas e felizes cujos filhos veem a

luz do dia cercados de riquezas e confortos, envoltos em custosos arminhos e alcatifas!! Lembrai-vos de que as mães pobres, tanto ou mais que vós adoram os seus filhinhos.

Se não possuem as pelles carissimas e os agasalhos de luxo para os livrar do frio do inverno, ha sempre no coração de cada mãe por mais pobre, o calor intenso promovido pela chama ardentissima do sagrado amor maternal, chama que só deixa de crepitar ao cessar de bater os seus ternos e maguados corações!

*

* *

A Luiza era d'essas mães; e ao ver os seus filhinhos alegres, como o canto d'uma ave solta, sorria-se contente exprimindo toda a sua alegria de mãe.

Quando a Luiza, cuidadosa, trabalhava, dobando, o Eduardo, um visinho e companheiro do Thomaz, empurrando bruscamente a porta, entrou pallido, nervozo, deixando transparecer na phisionomia um acontecimento extraordinario.

— Que tem, senhor Eduardo? — interrogou Luiza tremula, levantando-se e poisando agitada o novello na parabola.

— Não é nada, senhora Luiza, não é nada! O Thomaz vem ahi: Estava na fabrica a trabalhar... e houve lá uma coisa... e cahiu... Não se assuste, não é nada... não é nada...

A pobre mulher do Thomaz, esgasiando os olhos, ergueu os braços, e soltando gritos dilacerantes em que traduzia a maior das afflições e desesperos, cahiu desamparada no chão.

Chegava á porta uma maca conduzida por quatro operarios que seguia para o hospital e dentro d'ella, ensanguentado, o bom do Thomaz, o operario laborioso, o modelo dos paes e dos amigos, gemia dolorosamente.

A machina trabalhava accelerada. Uma corêa sahida fóra d'um tambor envolveu rapida o desventurado operario e elevando-o a grande altura arremessou-o meio esmagado entre os volantes. Os companheiros correram a soccorrel-o. O seu estado causava dôr; e d'esse incidente morreu o laborioso operario.

A companhia no fim do anno distribuiu pe-

los accionistas um juro avultado, dinheiro enegrecido pela morte horrorosa d'um operario e regado pelas lagrimas da viuvez e da orphanidade.

E agora, á noite, envolvidos nas sombras escuras das ruas, uma mulher doente, coberta de farrapos pretos, seguida de tres creancinhas, implora a caridade.

É a familia do bom Thomaz: a estremo-

sissima companheira e os filhinhos do honrado operario que recorrem á mendicidade, porque o chefe que os adorava e a quem adoravam, morreu tragicamente luctando, no campo da batalha da industria!

Ó sociedade egoista e ignára! quando será que um raio de justiça fraterna parta de meio a meio e para sempre o teu vil, empedernido e estúpido sentir?

GUILHERME.



Maria Cândida



Não sei qual tem o premio do meu gosto,
Qual d'estas prendas tem direito á palma:
Se a belleza visivel do teu rosto,
Se a belleza encoberta da tua alma...

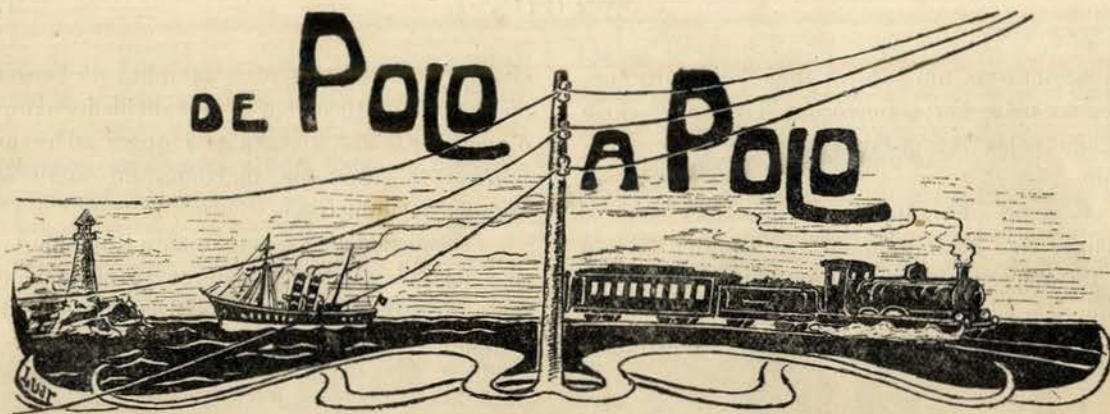
Eu vejo em tí num rigorismo exacto
Duas faces da tua formosura,
Dous aspectos do teu gentil retrato,
Duas figuras numa só figura!

Dupla effigie se enquadra no teu ser:
Nesse teu corpo... a imagem natural
E, diamantino como um rosiclér,
Nessa tua alma... o teu perfil moral!

Que sublime alliança em tí se irmana!
Que aprimorado... que formoso par!
Que virtuosa concordancia humana!
E que parallelismo singular!

Não sei qual tem o premio do meu gosto,
Qual d'estas prendas tem direito á palma:
Se a belleza visivel do teu rosto,
Se a belleza encoberta da tua alma...





UMA GREVE GIGANTESCA

Mais uma *grève* — e esta verdadeiramente extraordinária pela sua importancia e funestas consequencias, estalou em França, logo nos primeiros dias de junho, fazendo suar o topete a Mr. Clémenceau, que, diga-se a verdade, não tem sido muito venturoso na sua marcha governativa, sempre erichada de obstaculos.

Foi o caso que, pretendendo acobardar o governo e o parlamento, o Comité Nacional dos Trabalhadores do Mar decretou a *grève* geral em todos os portos da França. E num instante, como se tudo estivesse preparado á espera da senha convencionada, a *grève* era um facto, e em todos os portos francezes, de Marselha a Dunkerke, do Havre a Ruão, o trabalho paraly-sava por completo.

Um nosso amigo, que no Havre se preparava para embarcar com destino a Leixões, descreve-nos assim os successos:

«De manhã, quando, á mesa do almoço, já com as malas feitas, pedi a conta ao criado, obtive em resposta a noticia de que teria de ficar, visto ter essa madrugada rebentado a *grève*, e ser impossivel a sahida dos paquetes. Fiquei attonito. E ainda numa vaga esperança, duvidoso de que as coisas pudessem ser levadas tão longe, peguei no chapéo e sahi para a rua.

Poucos passos andados, estava nos caes. E então, não pude duvidar mais. Espalhados aqui e além, em grupos compactos, os *grévistas*, de cachimbo ao canto da bocca, gesticulavam e falavam animados, lançando olhares desconfiados aos gendarmes que em volta rondavam. Nem um grito, um brado, um gesto subversivo.

A *grève* era um facto, mas pacificamente feita com toda a ordem. E só a ausencia d'aquella tão característica labuta da beira-mar, e o abandono tragico dos vapores, calados e immoveis, indicavam que algo de anormal se passava.

.....
Cahia a noite quando voltei ao escriptorio da Companhia, no vago receio de que o paquete, por noite alta, abalasse sem mim. Foi ainda ao mesmo cortez empregado que me dirigi. Res-



PEKING-PARIS EM AUTOMOVEL — A PASSAGEM DA GRANDE MURALHA EM KALGOU

pondeu-me que muito favor seria se pudesse seguir dentro de tres dias. Naquella noite, é que com certeza não. E para prova, conduzi-me aos *hangars*, vastos armazens destinados a receber mercadorias, naquella noite transformados em albergues nocturnos, onde quatro mil emigrantes, chegados de todos os pontos do paiz, pobres e sem conhecidos no Havre, se preparavam para dormir.

Nem tu calculas o prodigioso spectaculo que aquillo era! Calcula tu milhares de col-

chões estendidos em filas, encostados lado a lado, de um ao outro extremo dos *hangars*. Sobre elles, numa promiscuidade inaudita, descaçavam homens e mulheres, cobertos com levíssimos agasalhos.

De uma fila a outra ia um estreito corredor, por onde empregados, e emigrantes, passavam. Alguns, sem somno, jogavam. E sobre um piano emballado, a um canto, dormiam nada mesmo que um homem, duas mulheres, e uma creança!

.....
Durou tres dias o martyrio d'esta pobre gente... e o meu. Ao quarto, os paquetes allemaes encheram-se, para espalhar pela America, os cinco mil desgraçados, que não devem ter levado do Havre muito boas recordações...»

O GENERAL BILLOT

Falleceu em Paris o general Billot, antigo ministro da guerra, e senador.

Foi este um dos officiaes superiores do exercito francez mais distincto, tendo servido na Algeria e tomado parte na campanha do Mexico, sob Napoleão III. Tomou parte brilhante na guerra franco-prussiana, tendo-se evadido de Metz após a capitulação d'esta praça.



O GENERAL BILLOT

Era condecorado com a Legião de Honra, e respeitado por todos os seus concidadãos,

apesar de se ter sempre mostrado profundamente conservador, mesmo através da republica. Morreu com oitenta annos incompletos.

O TRATADO FRANCO-JAPONEZ

No dia 10 de junho foi assignado em Paris o Tratado franco-japonez, admiravelmente bem recebido por toda a imprensa franceza, apesar de ser apenas conhecido nas suas linhas geraes.

Esse documento que tem por fim garantir os interesses commerciaes das duas potencias, e manter a paz no Extremo-Oriente, não deve ter sido agradavel para a Russia que por elle, ao que se diz, deve ter perdido todas as esperanças de desforra sobre o archipelago nipponico.

Assignaram-n'o, por parte da França, Mr. Pichou, e por parte do Japão M. Kurinno, embaixador em Paris.

A nossa gravura representa estes dois diplomatas em seguida á assignatura do tratado.

O PROCESSO FERRER-NACKENS

Teve enfim a sua conclusão este celebre processo, que ha mais de um anno vinha agitando a opinião publica em Hespanha.

Todos se lembram ainda do covarde attentado, praticado pelo dementado Morral, contra o rei de Hespanha, no proprio dia em que elle regressava da egreja em que acabava de dar a mão de esposo á princeza Ena de Battenberg; e sabem que, na prosecução das inquirições policiaes, dois distinctos homens de letras em Madrid residentes, Ferrer e Nackens, foram accusados, o primeiro, de ter inspirado o crime, o segundo de ter escondido o criminoso após o attentado.

Nada se provou contra o primeiro, que foi restituído á liberdade. Quanto a Don José Nackens, o velho e glorioso jornalista, que se via envolvido no processo levado por um grandioso sentimento de altruismo, foi condemnado a dois annos de prisão.

OS SOBERANOS DA DINAMARCA EM PARIS

Paris é positivamente a cidade do mundo mais visitada por cabeças coroadas. Ainda mal os reis da Noruega tinham deixado a capital da França, já os da Dinamarca ahi desembarcavam do trem que os conduzia de Cherburg.

A recepção por parte do Presidente Loubet foi muito cordeal. Outro tanto se não pôde dizer do povo, que acorreu em pequeno numero a vêr passar os soberanos estrangeiros.

Não admira. Pois é uma cidade tamanha, que tudo lá passa despercebido, e um rei a mais ou a menos não lhe perturba a actividade.



A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA



O REI FREDERICO VIII DA DINAMARCA

A CONFERENCIA DA HAIA

Na velha cidade holandesa realison-se no dia 15 de junho a sessão inaugural da Conferencia da Paz, á qual presidiu Nélidov, ministro plenipotenciario da Russia em Paris.

Acham-se naquella cidade, para tomar parte nos trabalhos da Conferencia, cerca de quinhentos delegados das diversas nações.

O JULGAMENTO DE CARLOS WADDINGTON

Muitos dos nossos leitores se devem ainda recordar do dramatico successo que enlutou duas familias em março do corrente anno, em Bruxellas, e do qual resultou a morte de Ernesto Balmaceda, secretario da legação do Chili na Belgica.

Ernesto Balmaceda, muito novo ainda, amou a filha do seu ministro naquella corte, por quem foi correspondido. Dentro em pouco, essas

relações tornaram-se por tal fôrma intimas, que a imprudente menina houve de declarar á sua familia que não podia pertencer a outro homem que não fosse Balmaceda.

Nestas condições, o embaixador Waddington tratou de preparar o casamento dos dois enamorados. E é precisamente nesta occasião que o seductor se recusa a dar a mão de esposo áquella que tão cegamente confiara nas suas promessas.

Então, seu irmão, quasi uma creança ainda, procura Ernesto Balmaceda. Pergunta-lhe, serenamente, se quer casar com sua irmã. Balmaceda responde negativamente, e

cae banhado em sangue, ferido por cinco balas de um revólver, que Carlos Waddington despeja sobre elle.



A assignatura do Accordo Franco-Japonez
M. Stephen Pichon, ministro dos negocios estrangeiros e M. Kurino,
embaixador do Japão, após a assignatura do contracto

O tragico acontecimento, que commoveu altamente o povo belga, teve o seu epilogo ha dias, após um escandaloso julgamento. Carlos Waddington, vingador da deshonra de sua irmã, foi absolvido.

A PHOTOGRAPHIA COLORIDA

Uma grande revolução vem de fazer-se na arte photographica com a nova descoberta dos irmãos Lumière (um apellido que é já de si uma predestinação).



MM. Auguste e Luccio Lumière

A photographia a cores, que até hoje se não tinha conseguido, com perfeição, e era mais uma experiencia laboratorial que uma utilidade pratica, acaba, a impulso dos dois chimicos citados, de soffrer importantissimas modificações. O novo invento dos irmãos Lumière, fundado sobre a reproducção das cores sobre clichés autochromos de sua fabricação, tem feito sensação no mundo sabio.

NAUFRAGIO

O cruzador francez *Chanzy*, da divisão naval do Extremo Oriente, encalhou no Recife da ilha Ballard, sendo impotentes todos os esforços para o salvar. Foi a pique no dia 1 de junho.

CORRIDA PARIS-PEKIN

Começou no dia 10 de junho esse louco — e quem sabe se tragico? — record automobilista de Pekin a Paris.

Á hora em que escrevemos, os concorrentes precipitam-se através d'essa enorme trajetoria,

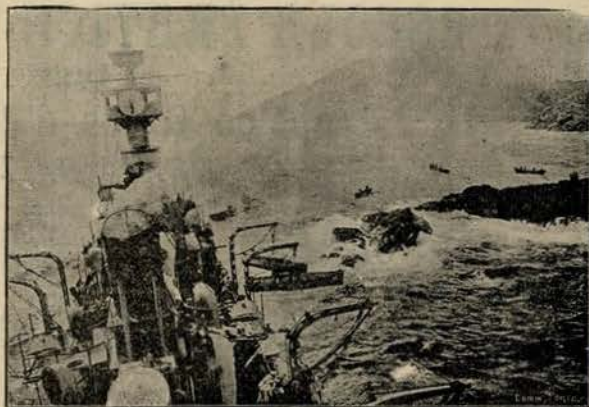
de muitos milhares de kylometros, através de paizes verdadeiramente selvagens, onde nem estradas ha, e onde os automoveis terão de ser puxados a burros, camellos, e braços humanos, — não falando dos rios que teem de ser atravessados a vau, á falta de pontes.

É verdadeiramente temeraria a empresa. Só os 700 kilometros do deserto de Gobi, sem uma arvore, sem uma fonte, sem um abrigo, são de incutir pavor ao mais animoso. Comtudo, os concorrentes partiram da capital China muito animados, e convencidos de que chegarão ao seu destino.

Só a descripção, que os viajantes fazem, da estrada a percorrer de Pekim a Kalgan faz horror. De facto, esse verdadeiro caminho de cabras, aberto pela natureza em rocha dura, zig-zagueando pelos contrafortes de altissimas montanhas, faz horror. Numa parte do caminho, que os concorrentes já venceram, e onde a gazolina foi substituida por musculos humanos, fizeram os vehiculos . . . dois kilometros por hora.

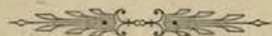
Dir-se-ia que se tratava de uma corrida negativa.

As ultimas noticias dizem-nos que os con-



O cruzador «Chanzy» naufragado num Recife, no archipelago de Tehou-San (costa da China)

correntes (menos dois, que abandonaram o torneio) conseguiram transpor o deserto de Gobi, e continuam avançando para oeste.



Albino Pinheiro Xavier

ORTHOPEDISTA

161, R. dos CALDEIREIROS, 165-VICTORIA

1906 — Fundas elasticas
inutilisadas

41
35

1907 —

Janeiro — 6 fundas
Fevereiro — 8 fundas
Março — 2 fundas
Abril — 3 fundas
Maio — 9 fundas
Junho — 7 fundas

76

6 mezes 35

Em 18 mezes **76 fundas**
inutilisadas e **SUBSTITUIDAS**
pelo fabrico especial de appare-
lhos orthopedicos d'esta

Casa Xavier

UZA E

Nos DOSSOS automoveis

Automovel-gazo

DA

Colonial Oil Company

Agencia no Porto

208-1.º, Mouzinho da Silveira

TELEFONE N.º 92

PO RTO

ESCOLA PRATICA DE COMMERCIO

DIRECTOR

Leopoldo Carlos d'Alcantara Carreira

26, PRAÇA DA TRINDADE, 27

PORTO

CURSO DIURNO

DAS 8 ÀS 12 DA MANHÃ



CURSO NOCTURNO

DAS 6 ÀS 10 DA NOITE

ENSINO ABSOLUTAMENTE PRATICO

DE

Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Contabilidade,
Escripturação Commercial, Calligraphia, Historia e Geographia
Commercial, Economia Politica,
Direito Commercial, Tachygraphia e Escripta á Machina

CURSOS DE EXPLICAÇÃO PARA O INSTITUTO, ESCOLA NORMAL E LYCEU

Esta Escola tem annexo uma secção
de **Internato** que satisfaz por completo a todas as exigencias

PEDIR ESCLARECIMENTOS Á SECRETARIA DA ESCOLA

BORGES & IRMÃO



EXPORTADORES DE VINHOS PORTUGUEZES

2, 4, Rua do Pilar, 6 e 8

Villa Nova de Gaya (Porto)

SECÇÃO DE CAMBIOS

57 — Rua do Bomjardim — 59

55 — Rua Sá da Bandeira — 59

PORTO



Compram e vendem todas as moedas nacionaes e estrangeiras.

Tomam saques e saçam sobre as terras importantes do paiz, Brazil, Hespanha, França, Allemanha e Inglaterra.

Loterias e tabaços tem sempre grande sortido.

Papeis de credito compram e vendem fundos nacionaes e estrangeiros.

PADARIA CONFIANÇA

391, RUA DA RAINHA, 397
(Esquina da Rua da Constituição)



A **Padaria Confiança**, pelo seu movimento, pela sua importancia, pelo seu asseio, limpeza e hygiene, figura entre os primeiros estabelecimentos congêneres, e o seu nome é conhecido em toda a cidade e a sua fama chegou até aos pontos mais afastados do paiz.

E' tambem a **Padaria Confiança** o unico estabelecimento que vendendo pro-

ductos de 1.^a ordem offerece ao mesmo tempo aos seus freguezes vantagens verdadeiramente excepçõaes que só o seu movimento colossal pôde explicar.

A **Padaria Confiança** conta no numero dos seus freguezes muitos que teem interesses ligados a outras padarias, como sejam: accionistas de companhias e cooperativas de panificação — isto é a prova mais evidente que a **Padaria Confiança** ou lhes dá mais vantagem que essas empresas ou lhe fornece melhores productos.

Além de todas as vantagens que ficam mencionadas, todos os consumidores de pão da **Padaria Confiança** teem o direito de exigir por cada 10 duzias de pão compradas, uma senha-brinde numerada que será sorteada da seguinte fórma:

Ao numero igual a que couber o 1. ^o premio da loteria do Natal, da Santa Casa	300 duzias
O numero igual ao 2. ^o premio	200 »
» » » » 3. ^o »	100 »
» » » » 4. ^o »	50 »
Os 700 numeros que terminarem no mesmo algarismo do 1. ^o premio, 1 duzia	=700 »
» » » » » » » » » » 2. ^o » 6 pães	=350 »
Total	1700 »

A Padaria Confiança é a unica padaria do Porto que possui um posto medico para a inspecção do seu pessoal, o que constitue uma importantissima garantia para os seus consumidores

Para a venda por assignatura tem o consumidor a extraordinaria vantagem de comprar 100 duzias de pão pagando apenas 80 ou seja uma economia superior a ter em cada mez 7 dias pão de graça.

TABELLA DE PREÇOS

1.^a classe — pão de 160 a duzia:	2.^a classe — pão de 100 a duzia:	3.^a classe — pão a peso (kilos ou meos kilos)
25 senhas 8\$625 ou seja 145 rs. cada	25 senhas 2\$375 ou seja 95 rs. cada	25 senhas 2\$125 ou seja 85 rs. cada
50 » 7\$000 » » 140 » »	50 » 4\$500 » » 90 » »	50 » 4\$250 » » 83 » »
75 » 10\$125 » » 135 » »	75 » 6\$425 » » 85 » »	75 » 6\$000 » » 80 » »
100 » 13\$130 » » 130 » »	100 » 8\$000 » » 80 » »	100 » 7\$800 » » 78 » »

O comprador d'estas senhas terá o direito de exigir as senhas-brindes correspondentes ao numero de senhas compradas, ficando assim tambem habilitado ao **sorteio gratuito de milhares de duzias de pão.**



Eduardo Costa

Fabrica da Pampulha

BOLACHAS E BISCOITOS

LISBOA



A primeira fabrica de bolachas e biscoitos
fundada no paiz

CONSUMO E EXPORTAÇÃO

A *Fabrica da Pampulha* fundada em 1875, possui os mais aperfeiçoados machinismos, estando assim habilitada a produzir melhor e em condições mais vantajosas que qualquer outra fabrica.

E' elevado o numero das recompensas obtidas em todas as exposições a que tem concorrido. Tem-lhe sido conferidos sempre os maiores premios.

Elevam-se a 400 as qualidades do seu fabrico e apresenta constantemente novas marcas.

Os mostruarios estão patentes ao publico nos seguintes locais:

FABRICA DA PAMPULHA DEPOSITO GERAL EM LISBOA

Cruz da Rocha — Lisboa

32, Rua dos Retrozeiros, 34

DEPOSITO NO PORTO

143, RUA DE D. PEDRO, 145

*Differentes e variados formatos
de caixas desde 250 grammas até 6 kilos*

Grande variedade em Bolachas e Biscoitos com caprichosos enfeites

Prefiram os productos d'esta acreditada fabrica, faes como :

Miscellanea — Fenianos

Nonpareil — Girondinos

Maria — Gloria ao Porto

Agua e Sal — Congressistas

Leite — Republicanos — Loubet

Araruta — Bernardino Machado

Bijou — Combinação — Malmequeres

LATAS DE PHANTASIA PROPRIAS PARA BRINDES

PREFIRAM SEMPRE E PEÇAM EM TODA A PARTE AS BOLACHAS DA PAMPULHA

COLCHOARIA HYGIENICH

UNICA EM LISBOA E PORTO

PORTO—*R. do Bomjardim, 276*

LISBOA—*R. Nova da Trindade, 21 a 25*

Cofres á prova
de fogo.

Fogões para co-
ke, carvão e lenha
em todos os tama-
nhos e modelos.

Obras de zinco
Banheiras, bacios,
bidets, irrigado-
res, etc.



Camas de ferro
(massiço) em di-
versos estylos e
tamanhos.

Colchões fabri-
cados com mate-
riaes perfeita-
mente desinfectados.

Trens de cosinha
completo sortido
de panellas, frigi-
deiras, caçarolas,
etc.

*Primeiro e unico fabricante
de mobílias completas em ferro, para quarto*

Barateza e Economia
Asseio e Hygiene

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A EQUITATIVA

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

TERRESTRES E MARITIMOS

SEDE SOCIAL

125 — AVENIDA CENTRAL — 125

(Edifício de sua propriedade)

RIO DE JANEIRO

FILIAL EM PORTUGAL

LISBOA — Largo de Camões, 11-1.º

Delegação Geral no Norte de Portugal

PORTO — Rua das Carmelitas, 100

APOLIGES COM SORTEIO SEMESTRAL EM DINHEIRO

Ultima palavra em seguros de vida

Invenção exclusiva d'A EQUITATIVA

Os sorteios teem lugar em 15

de Abril e 15 de Outubro de

todos os annos.

MERCURIO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

CAPITAL Rs. 2.000:000\$000

Séde: RIO DE JANEIRO

DEVIDAMENTE LEGALISADA EM PORTUGAL

Agentes geraes em Portugal:

M. MARTINS & C.^a

Porto - R. Ferreira Borges, 38-1.^o - TELEPHONE 694

Lisboa - R. de Santa Justa, 107-2.^o - TELEPHONE 1303

Banqueiros:

Pinto da Fonseca & Irmão

PORTO

PINTO DA FONSEGA & IRMÃO

CASA BANCARIA

PRAÇA DE D. PEDRO, 138

Telephone, 365

Endereço telegraphico-Caseno

Codigos { A. B. C. 4.^a Ed.^{ão}
RIBEIRO

SOCIOS:

Joaquim Pinto da Fonseca

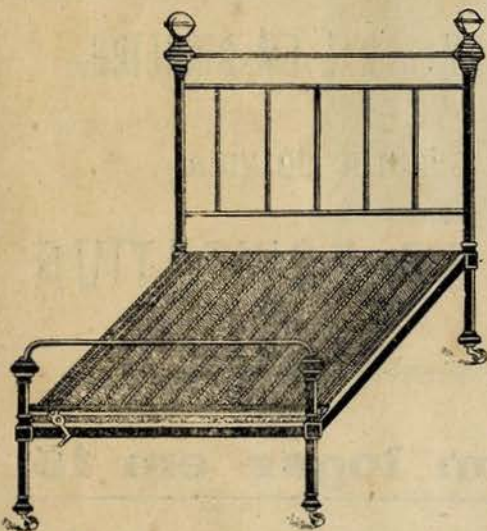
Manoel Pinto da Fonseca

José Ignacio Xavier

Agencias nas principaes praças estrangeiras

Correspondentes nas principaes terras do paiz

Fazem todas as operações bancarias



A INDUSTRIAL VIEIRA & SILVA FABRICANTES

461 — RUA DO ALMADA — 463
PORTO

Camas de ferro simples e com guarnições de metal dourado; sortimento completo em todas as dimensões, do aperfeiçoado systema de armação, simples e solida.

Colchões e enxergões; permanente fabrico e deposito completo em todas as dimensões e qualidades, pannos de riscado e linho para enchimento de palha, folhelho, lã e sumama.

Lavatorios de ferro para barato e modelos ornados com hastes para toalhas e galerias para disposição de todos os pertencés de toilette, com os seus accessorios de louça fina.

Fogões de ferro forjado, para cozinha, fabrico especial em pequenas e grandes dimensões para hoteis, restaurantes, etc. (peçam o modelo industrial).

Cofres de ferro verdadeiros á prova de fogo, fabricação solida, isolador completo e garantido, como provam declarações authenticas de sinistros acontecidos.

Obras de zinco em todos os generos, banheiras em todos os formatos e dimensões para adultos, baldes e regadores, escarradeiras, bidets, retretes para quarto, etc.

« A INDUSTRIAL » fabrica nas suas officinas, em larga escala, todos os artigos em mobillas de ferro, colchoaria, etc.; exportação em grande escala para todo o reino, Ilhas, Africa e Brazil

CERTEZA absoluta de seriedade em todos os negocios e condições de venda por junto e a retalho, por preços fixos

ENVIAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

No Fogão

Charadas em verso :

(1)

Li em paginas cento e uma — 1
que um homem sem coração — 1
tinha um porte regular
e esmerada educação.

Porto.

M. S. SEARAMIUG.

(2)

Amor! amor! *ave* ligeira — 2
que sobre nós *alem* esvoaça — 1.
Prisão banal, mas feiticeira,
que a mocidade nos enlaça!

Elvas.

TITO.

Em triângulo :

(3)

. Rua
. Terra portugueza
. meiga
. na estearina
. pedra
. offerece
. vogal

MAROLI.

Phraseados

(POR SYLLABAS)

Quando o — 3, foi a — 2 — 4, eu fui vê-lo mais o
meu amigo — 2 — 3 — 4. Estavamos á sombra d'uma
— 1 — 2 — 3 — 4, quando caiu uma — 1 — 2 — 4 se-
gunda d'um — 4 — 2 que me abriu a cabeça.

(POR LETTRAS)

(5)

Estando ha dias a — 5 — 4 — 1 — 2 entrei n'uma
cervejaria para beber um copo de 1 — 3 — 4 — 1.
Vi lá por acaso o 1 — 2 — 3 — 4 — 5, que comprei
e me tirou a vontade de beber.

S.

(POR SYLLABAS)

(6)

Falei hontem com a 3 — 4, a qual me disse, que
a — 1 — 2 era muito amiga da 1 — 2 — 3 — 4.

MAROLI

Charadas augmentativas :

- (7) Seca o fructo — 2
(8) Assa a moeda — 2

JOAQUIM.

Charadas syncopadas :

- (9) A colheita é mulher — 3 (2)
(10) Apellido de mulher — 3 (2)

KAOLINE.

Charada electrica :

- (11) A folha não é vegetal — 3

GEBO.

Charadas em frase :

- (12) Esta substancia mineral é uma arte — 2 — 2
(13) Tem medo da flor Terrivel — 2 — 2

Charada combinada :

- (14) 1.^a + ta = Une
2.^a + na = Estrados
3.^a + oa = Cidade
4.^a + ua = Fructo
5.^a + ör = Rio

REVISTA

Decifrações do n.º 2.

1 — Amargoso. 2 — Jacaré. 3 — Rosario. 4 — Fu-
ra, furão. 5 — Forma, formão. 6 — Gama, gamão. 7
— Cravo, crava. 8 — 2 — 9 — Naveta, vata. 10 — Bar-
baro, barro. 11 — Zide, edil. 12 — Epea, auge. 13 —
Aguarella. 14 — Enxovia. 15 — Soldado. 16 — Ata-
viado. 17 — Caso, soca. 18 — Zafó foles. 19 — Bis-
coito. 20 — Descendentes. 21 — Repartido. 22 — Des-
unidos. 23 — Campos Monteiro.

Decifraram :

Tito : 22. Raul : 21. Calixto : 20. Joaquim : 20. M.
S. Searamiug : 18. Thomaz : 14. Limanito : 14.

(N'esta lista, contamos uma decifração a mais,
porque assim é de justiça: a da charada 6.^a, que
ninguém *matou*, porque sahio errada (fogo em vez
de *jogo*).

Correspondencia :

Maroli : — Tem razão. Mas o espaço falta. A seu
tempo, porém, alguma coisa se fará.

Joaquim : — Todos têm lugar. Mas é preciso que
cada um resigne a ocupar pequeno espaço, — para
cabermos todos.

Psycobis — e outros : — Porque nos falta espaço,
só publicaremos os nomes de quem decifrar mais de
metade das produções publicadas.

Tito : — Parabens. A sua charada foi a unica que
atravessou incolume. Ninguem lhe metteu dente.

Livraria da Empresa Litteraria e Typographica

184 — RUA DE D. PEDRO — 184

PORTO

Dr. Anão de Vasconcellos

MEMORIAS DO MATA-CAROCHAS — *Aventuras, anedotas, casos e peripecias da época mais famosa da Universidade de Coimbra*, 1 vol. 800

Antonio Candido

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 vol. com o retrato do auctor. 1\$000
DISCURSOS PARLAMENTARES, 1 vol. 1\$000
INFANTE D. HENRIQUE, com o retrato do Infante 200

Camillo C. Branco

AMOR DE PERDIÇÃO, 14.^a edição, accrescentada com estudos criticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, e illustrada com 6 simile-gravuras e o retrato do auctor, 1 vol. brochado, 600 réis, encadernado em capas especiaes 800

D'esta edição tiraram-se 10 exemplares em superior papel Kent numerados de 1 a 10, e 10 exemplares em papel *couché* numerados de 11 a 20. Os de papel Kent, 1/2 encadernação em marroquim, dourados á cabeça, vendem-se a 3\$000 réis; os de papel *couché*, 1/2 enc. em chagrin, a 2\$000 réis.

Conselheiro Ruy Barbosa

(*Notavel orador e jurisconsulto brasileiro*)

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 volume de 558 paginas, magnifica edição, brochado, 1\$500 réis; encadernado em capas especiaes 1\$800

Francisco Mangabeira

VISÕES DE SANTA THEREZA, 1 vol. 300

Dr. Castro Rebello

ARDENTIAS, 1 vol. 300

Dr. Euclides da Cunha

CONTRASTES E CONFRONTOS, 1 vol. prefaciado por José Pereira de Sampaio, (Bruno), em brochura. 800
encadernado em capas especiaes 1\$000

Eduardo de Noronha

O MARQUEZ DE NIZA. Primoroso romance historico, maritimo, illustrado com 21 gravuras e os retratos do auctor e do Marquez de Niza. Brochado, 1\$000 réis; encadernado. 1\$200

Todos os bons portuguezes devem ler este excellente livro, que faz vibrar de bem justificado orgulho a alma nacional.

Gervasio Lobato

MYSTERIOS DO PORTO, 5 vol. illust. broc. 3\$000
enc. em percalina 4\$000

Henrique de Mendonça

O REINO DOS CÉOS, 2.^a edição, 1 vol. 800
AO ROMPER DO SOL, 2.^a edição, 1 vol. com o retrato do auctor. 600

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

MULHERES E CRIANÇAS, notas sobre educação, 2.^a edição 1 vol. 600
CONTOS PARA OS NOSSOS FILHOS, 5.^a edição, 1 vol. illustrado com 8 chromo-typographicos e 92 grav. intercaladas no texto, encadernado em lindas capas de percalina 800

Este interessante livro, approved pelo antigo conselho de Instrução Publica para uso das escolas, constitue um dos mais uteis e attrahentes premios para a infancia.

Sá d'Albergaria

O SEGREDO DO EREMITA, primoroso romance de costumes, no qual o auctor descreve com tanta verdade como maestria, scenas da vida bohemia, em que tomaram parte Camillo Castello Branco, Alfredo Carvalhoaes, Agostinho Albano, Rosalino e outros personagens muito conhecidos ainda da actual geração. 5 vol. brochados 1\$500
encadernados em capas especiaes 2\$000

Obras de Peres Escrich

O AMOR DOS AMORES, 3 vol. illustrados. 1\$800
O ANJO DA GUARDA, 3 vol. ill. 1\$800
OS APOSTOLOS, 3 vol. ill. 1\$800
OS CAÇADORES, 1 vol. 500
O CAMINHO DO BEM, 4 vol. ill. 2\$000
A CARIDADE CHRISTÁ, 3 vol. ill. 1\$800
OS COMICOS AMBULANTES, 1 vol. ill. 500
O CURA D'ALDEIA, 3 vol. ill. 1\$800
A FELICIDADE, 4 vol. ill. 2\$000
O INFERNO DOS CIUMES, 3 vol. ill. 1\$800
LIVRO PARA MEUS NETOS, 1 vol. 500
O MARTYR DE GOLGOTHA, 3 vol. ornados de 19 gravuras de pagina, br. 1\$200
enc. em capas especiaes 1\$800
MAGDALENA, 1 vol. ill. 500
A MANCHA, 1 vol. ill. 500
O MARTYRIO DA GLORIA, 1 vol. 500
O PÃO DOS POBRES, 3 vol. ill. 1\$800
O PIANO DE CLARA, 1 vol. ill. 500
OS PREDESTINADOS, 4 vol. ill. 2\$000
PROSA DA GLORIA, 1 vol. ill. 500
RICO E POBRE, 3 vol. ill. 500
O ULTIMO BEIJO, 4 vol. ill. 2\$000